

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Marcos Souto

**REI ESQUILO: RELAÇÕES ENTRE ANTROPOCENTRISMO E
ECOCENTRISMO ATRAVÉS DE XILOGRAVURAS NARRATIVAS**

Santa Maria, RS
2018

Marcos Souto

**REI ESQUILO: RELAÇÕES ENTRE ANTROPOCENTRISMO E
ECOCENTRISMO ATRAVÉS DE XILOGRAVURAS NARRATIVAS**

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Artes Visuais**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helga Correa

Santa Maria, RS
2018

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Souto, Marcos
Rei Esquilo: Relações entre antropocentrismo e ecocentrismo através de xilogravuras narrativas / Marcos Souto.- 2018.
94 p.; 30 cm

Orientador: Helga Correa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, RS, 2018

1. Arte contemporânea 2. Arte e visualidade 3. Arte e ecologia 4. Ecosofia 5. Xilogravura I. Correa, Helga II. Título.

© 2018

Todos os direitos autorais reservados a Marcos Souto. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
Endereço: Rua Vale Machado, n. 202, Bairro Centro, Santa Maria, RS. CEP: 97010-530
Fone (0xx)53 991352592; E-mail: msouto86@gmail.com

Marcos Souto

**REI ESQUILO: RELAÇÕES ENTRE ANTROPOCENTRISMO E
ECOCENTRISMO ATRAVÉS DE XILOGRAVURAS NARRATIVAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Artes Visuais**.

Aprovado em 11 de setembro de 2018:

Helga Correa, Dra. (UFSM)
(Presidente/ Orientadora)

Gisela Reis Biancalana, Dra. (UFSM)

José Luis Albelda, Dr. (UPV)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

Para Balu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio incondicional da minha família Carmen Souto, Thais Souto e Alex Pereira e dos meus amigos Aracy Colvero, Débora Sperling e Rodrigo Cassuli.

Agradeço aos professores que contribuíram para o enriquecimento da minha pesquisa através de suas aulas.

Agradeço minha orientadora Helga Correa pelo seu esforço e dedicação.

Agradeço Camila e Daiane pelo apoio durante o processo de pesquisa.

Agradeço também ao apoio da CAPES por financiar minha pesquisa.

EPÍGRAFE

Aunque otros sigan ciegamente la verdad, recuerda: nada es verdad. Aunque otros se dejen coartar por la moral o la ley, recuerda: todo está permitido.

Maquiavelo In: Assassins Creed

RESUMO

REI ESQUILO: RELAÇÕES ENTRE ANTROPOCENTRISMO E ECOCENTRISMO ATRAVÉS DE XILOGRAVURAS NARRATIVAS

AUTOR: Marcos Souto
ORIENTADOR: Dra. Helga Correa

A pesquisa trata de uma reflexão acerca das relações entre ecocentrismo e antropocentrismo através de uma abordagem artística. Por meio de uma narrativa com elementos ficcionais foram realizadas xilogravuras que focam na construção de um personagem humanóide e na relação com a natureza que o cerca. Fazendo uso como base teórica da Ecosofia a partir de Guattari e partindo da experiência do próprio artista ao longo deste processo de investigação, a narrativa serve como um pano de fundo para discutir questões sobre a co-relação entre a natureza selvagem e a natureza humana, entre modos de pensamento ecocentricos e antropocêntricos e a necessária mudança de paradigmas na atual relação humana com o meio ambiente.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Arte e Visualidade. Arte e Ecologia. Ecosofia. Xilogravura.

ABSTRACT

SQUIRREL KING: RELATIONS BETWEEN ANTHROPOCENTRISM AND ECOCENTRISM THROUGH NARRATIVES IN WOODCUT

AUTHOR: Marcos Souto
ADVISOR: Dra. Helga Correa

The research deals with a reflection on the relationship between ecocentrism and anthropocentrism through an artistic approach. Through a narrative with fictional elements have been made woodcuts that focus on the construction of a humanoid character and the relationship with the nature that surrounds him. Using the theoretical basis of Ecosophy from Guattari and starting from the artist's own experience throughout this research process, the narrative serves as a background to discuss questions about the co-relation between wild nature and human nature, between eccentric and anthropocentric modes of thought and the necessary paradigm shift in the current human relationship with the environment.

keywords: Contemporary Art. Art and Visuality. Art and Ecology. Ecosophy. Woodcut.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Breve história do Rei Esquilo: um resumo da narrativa da pesquisa de graduação	87
APÊNDICE B – A morte do Rei Esquilo: um resumo da narrativa que encerra uma pesquisa iniciada desde a graduação	91

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Documento 001 - Página 414 do "The History of four footed besfts, serpents, and insects" de Edward Topsell	93
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Marcos Souto. Matriz de xilogravura sendo impressa, 2015	19
FIGURA 2 – Ratatosk do manuscrito Islandês AM 738, século XVIII. Propriedade do Instituto Árni Magnússon. Desenho.....	20
FIGURA 3 – Li Livres dou Tresor. Esquilos combatendo um macaco (detalhe), 1315-1325. Desenho.....	20
FIGURA 4 – Albrecht Dürer. Dois Esquilos, 1492. Desenho.....	21
FIGURA 5 – Autor Desconhecido. Retrato de uma dama francesa segurando flores e um esquilo vermelho, 1730. Coleção particular	21
FIGURA 6 – Marcos Souto. Rei Esquilo, 2015. Pintura.	23
FIGURA 7 – Nara Amélia. Animal que pode prometer, 2011. Gravura em metal .	25
FIGURA 8 – Marcos Souto. Matriz de xilogravura, 2015	26
FIGURA 9 – Cordéis pendurados para a venda. Foto: Histórias e cenários nordestinos.....	28
FIGURA 10 – Glênio Bianchetti. Trançando, 1955. Xilogravura.....	28
FIGURA 11 – Maria Bononi. Sem título, 1955. Xilogravura	29
FIGURA 12 – Marcos Souto. Esquilos, 2016. Intervenção no Descubra UFSM ...	31
FIGURA 13 – Marcos Souto. Esquilos, 2016. Intervenção no Descubra UFSM ...	32
FIGURA 14 – Marcos Souto. Esquilos, 2016. Intervenção no Descubra UFSM ...	33
FIGURA 15 – Marcos Souto. Murais, 2016. Intervenção	34
FIGURA 16 – Marcos Souto. Portas. Intervenção pública, 2016	37
FIGURA 17 – Ilustração do pensamento antropocêntrico e ecocêntrico.....	43
FIGURA 18 – Lúcia Loren. Al hilo del paisaje, 2009. Intervenção.....	44
FIGURA 19 – Marcos Souto. 24353706227, 2017. Gravura em metal	48
FIGURA 20 – Marcos Souto. Rei Esquilo, 2017. Gravura em metal	48
FIGURA 21 – Marcos Souto. Sem título, 2017. Gravura em metal	49
FIGURA 22 – Marcos Souto. Esquilos, 2017. Gravura em metal.....	50
FIGURA 23 – Marcos Souto. Inverno, 2017. Xilogravura.....	50
FIGURA 24 – Marcos Souto. Inverno, 2017. Xilogravura.....	51
FIGURA 25 – Marcos Souto. Samsara, 2017. Xilogravura	51
FIGURA 26 – Marcos Souto. Nutshell, 2017. Livro de artista	52
FIGURA 27 – Marcos Souto. Desenho digital para livro múltiplo, 2017	53
FIGURA 28 – Marcos Souto. Desenho digital para livro múltiplo, 2017.....	54
FIGURA 29 – Marcos Souto. Panta Rei, 2017. Cerâmica e suculentas.....	54
FIGURA 30 – Marcos Souto. Processo de escavação de matriz de xilogravura, 2016	56
FIGURA 31 – Marcos Souto. Matriz de xilogravura em MDF, 2016.....	57
FIGURA 32 – Marcos Souto. Projeto da primeira xilogravura, 2016	60
FIGURA 33 – Marcos Souto. Genesis, 2017. Xilogravura	60
FIGURA 34 – Marcos Souto. Projeto da segunda xilogravura, 2016	61
FIGURA 35 – Marcos Souto. Projeto da terceira xilogravura, 2016	62
FIGURA 36 – Marcos Souto. Projeto da quarta xilogravura, 2016.....	63
FIGURA 37 – Marcos Souto. Projeto da quinta xilogravura, 2016	65
FIGURA 38 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	66
FIGURA 39 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	67
FIGURA 40 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	68
FIGURA 41 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	69
FIGURA 42 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	70

FIGURA 43 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	71
FIGURA 44 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	71
FIGURA 45 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	72
FIGURA 46 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	73
FIGURA 47 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	74
FIGURA 48 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	75
FIGURA 49 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	76
FIGURA 50 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	77
FIGURA 51 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	78
FIGURA 52 – Marcos Souto. Sem título, 2018. Xilogravura	79
FIGURA 53 – Marcos Souto. Processo de gravação de um esquilo, 2018.....	81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONSTRUÇÃO DA POÉTICA	19
2.1 ANCESTRALIDADE DA PESQUISA	19
2.2 XILOGRAVURA	26
2.3 PROJETO INICIAL DE MESTRADO	30
2.4 ECOSOFIA	38
2.5 PESQUISA REFORMULADA	44
3 DESDOBRAMENTOS DA POÉTICA	47
3.1 PROCESSO CRIATIVO	47
3.2 CONCEPÇÃO DOS TRABALHOS EM XILOGRAVURA	55
3.3 SÉRIE DE XILOGRAVURAS	58
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
APÊNDICE A	86
APÊNDICE B	91
ANEXO A	93

1 INTRODUÇÃO

Neste projeto procuro relacionar questões ambientais e a xilogravura através de uma abordagem extremamente pessoal onde faço uso de um personagem que criei como um avatar ao tratar destes assuntos.

De alguma forma, por vezes, talvez seja um pouco complicado tratar de assuntos que sejam relacionados com questões ambientais e mudanças de atitudes sem pender mais para o lado do ativismo do que para o trabalho plástico.

Como solução eu procurei me concentrar, por fim, na minha própria mudança de paradigma¹ e meu modo de viver e me relacionar com o mundo que me cerca. Trato disso através do meu trabalho em arte, o que implica em coerência e consciência podendo sensibilizar no contato com o trabalho uma forma de desligamento momentâneo de percepções tão enraizadas na sociedade.

Esta investigação, portanto, tratará do processo de elaboração de trabalhos em arte que se relacionem com o tema ambiental partindo das mudanças no próprio artista pesquisador como uma forma de repensar seu lugar no mundo e como a arte pode se relacionar e sensibilizar com temas ambientais.

Relacionando um universo fictício onde vive um personagem, o universo próprio do artista e o mundo em que nós vivemos, eu digo que esta pode ser uma boa experiência de se pensar em arte, pesquisa e no artista como uma ferramenta que pode sugerir mudanças em diversos setores da sociedade.

Nascido em Bagé, Rio Grande do Sul, local originário de importante referente da gravura no estado, os gravadores do *Grupo de Bagé*, trago desde a infância um contato direto com a xilogravura antes mesmo de optar pela Arte ou realmente entender de gravura.

¹ Capra (2006) faz menção a uma ideia de paradigma a um nível global, porém partindo de uma forma particular de pensar, que pode ser entendido como uma concepção de valores, percepções e práticas compartilhadas por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza.

Durante e após o ensino médio trabalhei com tecnologia, mais precisamente com linguagens de programação e sistemas operacionais. Apesar de gostar desta área tecnológica sempre me senti longe de um verdadeiro envolvimento. Foi quando optei por largar minha carreira na área e recomeçar no caminho das Artes Virtuais.

Quando ingressei no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria fiz parte do Atelier de Desenho, pois via este como base para todas as outras experiências que viria a desenvolver, como a pintura, gravura, cerâmica, entre outras.

Entretando, nenhum meio como a gravura, em especial a xilogravura, se conectou tanto com esta babagem cultural que carregava e ao mesmo tempo com as minhas principais motivações para ingressar no curso de Artes Visuais.

O meu recomeço em outra área de atuação, como mencionado, foi através do desenho onde aos poucos me direcionei a gravura. Vejo agora na gravura tudo o que faltava: criação manual. Aprecio linguagens tecnológicas e ainda me interessa por linguagens de programação, entretanto o fazer em xilogravura, desde a escavação da madeira até a impressão manual me produz a satisfação de realizar algo criativo em todas as suas etapas longe de uma automação em que não faça parte.

Este envolvimento por completo na gravura se relaciona tanto com a minha história como Bajeense, mas também com a principal questão do projeto que é tratar de como os atos e as naturezas se influenciam.

A relação entre diferentes naturezas se dá de todas as formas durante todo o tempo através de cada interação que fazemos. Tudo o que fazemos de alguma forma nos modifica e modifica tudo o que esteve envolvido na interação seja de forma física, mental, emocional ou espiritual. Quando executamos alguma ação, uma reação é imediatamente criada gerando, assim, uma influência mútua entre a nossa natureza e a natureza com a qual interagimos.

Na xilogravura, seguindo etapas manuais, há durante todo o tempo a influência direta do artista. Nada é por acaso, desde a preparação da madeira, o modo de escavar, de entintar a matriz e de imprimir e até mesmo a escolha dos materiais fazem parte e irão direcionar os resultados finais.

Esta escolha pôde permitir que a operacionalização do trabalho se desse com mais convicção já que trata exatamente de interações que partem de uma projeção extremamente pessoal e intimista.

No primeiro capítulo desta pesquisa trato da construção da minha poética.

Menciono brevemente, a ancestralidade da minha pesquisa em Artes Visuais. A partir de uma pesquisa desenvolvida durante a graduação trago a base do que produzo e pesquiso atualmente. Tal histórico tem a finalidade de tornar explícitos os desdobramentos e a evolução não só a ideia principal desta investigação, bem como a continuidade da pesquisa no mestrado.

Na reconstrução deste percurso investigativo refaço o caminho percorrido desde o projeto inicial do mestrado, dos trabalhos realizados, seus desdobramentos e o que o trabalho que acabou por sugerir e que agora se apresenta. Houve mudanças importantes em relação às questões a serem tratadas pelo projeto. Estas mudanças estão relacionadas ao meio ambiente, e se desenrolam e estruturam melhor no subcapítulo seguinte em que dedico especial atenção para a questão ecológica.

Considerando o redimensionamento do trabalho e o foco ambiental, apresento a seguir, o conceito de ecosofia desenvolvido por Gattari (1990) e os princípios do antropocentrismo e ecocentrismo para posteriormente discutir e estabelecer relações com o trabalho gráfico.

Na segunda parte da investigação faço uma breve introdução à linguagem da xilogravura traçando um caminho até o momento e local em que eu me encontro. Essa introdução pretende facilitar a compreensão da escolha do meio expressivo e do modo de operar, o que em última instância constitui parte da metodologia do trabalho e se entrelaça aos objetivos de discussão. É quando trato dos desdobramentos da poética apresentando as obras executadas relacionando-as às reflexões sobre as visões antropocêntricas e ecocêntricas em forma narrativo/visual.

Foram quinze gravuras nas quais, através do personagem Rei Esquilo e dos elementos que fazem parte deste universo, discuto sob o enfoque da ecosofia, ideias específicas como a criação, a autopreservação não sustentável (onde se domestica o que é selvagem em benefício próprio), destruição sem consciência resultando em danos mútuos, ciclo de morte e renascimento e por fim imanência.

Além das xilogravuras da série principal, foram realizadas algumas investigações em gravura em metal, xilogravura e em formato de livro de artista que são apresentados. Estes trabalhos foram inseridos porque contribuíram na

constituição reflexiva e formativa do pesquisador, assim como possibilitaram desdobramentos discursivos do tema.

Por fim estabeleço as considerações finais desta investigação.

2 CONSTRUÇÃO DA POÉTICA

Da ancestralidade da pesquisa Em Artes Visuais até o projeto reformulado de Mestrado.

2.1 ANCESTRALIDADE DA PESQUISA

Quando iniciei minha pesquisa de graduação em Artes Visuais procurei me apoiar, primeiramente, sobre a figura de um animal que tenho muito apreço, o esquilo. A pesquisa atual de mestrado, partindo da narrativa criada durante a graduação, segue tendo o esquilo como um ponto de partida e este estando presente de forma constante durante todo seu desenvolvimento.

Figura 1 - Marcos Souto: Matriz de xilogravura sendo impressa, 2015.



Fonte: (SOUTO, 2015)

O esquilo possuiu diversos significados a partir de diferentes culturas. Algumas interpretações são negativas como o Ratatosk (ou “dente perfurador”) da cultura nórdica que vive na árvore mundo (Yggdrasil) levando e trazendo os insultos entre a águia Hraelsveg e o dragão Nidhoggr gerando uma série de intrigas. Algumas são particularmente positivas como o esquilo na cultura Xamânica que significa planejamento e alegria para o futuro devido ao seu jeito de correr e seu hábito de estocar alimentos.

Figura 2 - Ratatosk do manuscrito Islandês AM 738, século XVII. Propriedade do Instituto Árni Magnússon.



Fonte: (ARNASTOFNUN.IS, 2017)

O esquilo também teve sua importância na história da arte aparecendo em diversas obras, principalmente por ter sido um animal doméstico popular durante a idade média e o Renascimento, embora a prática de criar esquilos como animais de estimação continuasse durante o século XVI até o século XVIII.

Os esquilos domésticos usavam pequenas coleiras, como os esquilos de Dürer e, às vezes, também correntes finamente trabalhadas em metais preciosos, normalmente prata.

Figura 3 - Li Livres dou Tresor: *Esquilo combatendo um macaco* (detalhe), 1315-1325. Biblioteca britânica Yates Thompson.



Fonte: (BL.UK, 2017)

Figura 4 - Albrecht Dürer: *Dois Esquilos*, 1492. Desenho. Galeria Albertina, Viena, Áustria.



Fonte: (ALBERTINA, 2017)

Figura 5 - Autor Desconhecido: *Retrato de uma dama francesa segurando flores e um esquilo vermelho*, 1730. Coleção particular.



Fonte: (ARTUK.ORG, 2017)

Além de livros, da aparição em livros e manuscritos, ele é retrato em bestiários como o de *The history of Four-footed beafts, serpents and insect* de Edward Topsell (1572-1625) que o descreve como criaturas agradáveis para se ter em casa.

Atualmente, o esquilo continua bastante presente no imaginário cultural principalmente de países do hemisfério norte onde vive mais abundantemente. A partir desta primeira pesquisa e de experimentações plásticas, iniciei o desenvolvimento da pesquisa de graduação buscando não um esquilo domesticado e sim um esquilo selvagem portador de suas características amistosas.

A estrutura da pesquisa que desenvolvi durante a graduação foi baseada basicamente no mito do herói e alguns pontos nos mitos da criação. Através do meu imaginário próprio, de diversas referências culturais, científicas, folclóricas e outras tantas que tive contato durante a minha vida para criar uma gama de personagens em uma história.

A história se resume em uma história que falava sobre vida, sobre choques entre esta mesma vida de diferentes formas, entre adaptação, ciclos e unicidade ao invés de individualidade.

Toda esta narrativa que construí ao longo da graduação em Artes Visuais parte de uma figura principal, a figura do esquilo. O esquilo servia e serve como um ponto de partida e estará presente de forma constante em toda história.

Na história era mostrada a vida de diferentes tipos de criaturas que se encontravam e conflitavam, de maneira positiva ou não, em situações particulares com objetivos diferentes e em ecossistemas diferentes.

Na época, teve como objetivo principal mostrar o meu modo de ver o mundo, de tratar diversas situações com uma história contada do meu jeito. Na qual o mito do herói foi escolhido propositalmente como um guia dessa história onde à medida que seria contada eu também a percorresse através de seus desdobramentos poéticos.

Para que não me tornasse apenas o ponto de vista em que a história é contada e sim a vivesse e participasse da sua concepção criei um personagem principal em que me projetei neste mito.

Este personagem, equivalente ao herói de Campbell (2007), tem sua principal característica a sua adaptação, ou seja, o modo com que se relaciona com os demais personagens e elementos da história criada.

Durante esta interação ao longo da história o personagem Rei Esquilo sofria hibridações. Ele assumia algumas características a partir de suas interações tanto do ponto de vista físico como psicológico, a partir do mito do herói em que também faz menção à construção do homem na natureza.

Figura 6 - Marcos Souto: *Rei Esquilo*, 2015. Óleo sobre tela. Acervo Aracy Colvero.



Fonte: (SOUTO, 2015)

O nome dado para o personagem, “Rei Esquilo”, se relaciona com toda a jornada deste herói sem nome, pois entre os animais e plantas as questões de identidade são outras. A escolha foi feita como uma referência a toda a história vivenciada pelo personagem e para conferir-lhe uma identidade mais próxima do nosso entendimento humano.

Todos os elementos são portadores de significados e atributos humanos ou, de certa forma, humanizados. Estes atributos provocam familiaridade e estranhamento em um contraste entre o que é selvagem e o que é doméstico.

Esse contraste é explicitado por meio da humanização de todas as personagens sendo eles geralmente híbridos entre humanos e animais. Essas personagens possuem personalidade própria relacionando-se entre si com comportamentos moralizados que fogem, por vezes, ao comportamento naturalmente selvagem como no trabalho da artista gaúcha Nara Amélia.

Nara Amélia é uma artista brasileira, nascida na cidade de Três Passos no Rio Grande do Sul. É Doutora em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (PPGART/UFSM) e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A artista trabalha com gravuras em metal que ela interfere com bordados, douração, colagens, desenhos, inserção de plantas, pêlos e demais elementos. Apesar de se tratar de gravuras em metal cada uma delas é tratada de uma forma diferente, sem tiragem, com diferentes tipos de suporte e tintas tornando-se obras únicas.

Seus personagens relacionados diretamente com a natureza e com a memória compõem um trabalho profundo sobre a relação entre o ser humano, suas origens e o ambiente que o cerca. Esses personagens se tornam autossuficientes e, muito mais do que contar uma história, são portadores de sentimentos e valores comuns.

Figura 7 - Nara Amelia: *Animal que pode prometer*, da série *Animal de sacrifício*. 2011. Água-forte e aquarela. 37 x 42 cm.



Fonte: (CULTURADIGITAL.BR, 2017)

Essa perspectiva da artista vem ao encontro da minha, já que a semântica explorada em torno à natureza e a representação dos animais em muito se assemelham.

A partir do personagem esquilo e destes momentos vivenciados por ele retornei a esta pesquisa para abordar as questões do projeto atual de mestrado, agora mais especificamente sobre estas relações entre uma natureza pessoal e a natureza universal. Questões estas que permeiam as conseqüências destas relações. Sendo benéficas ou não elas acontecem e o que estiver envolvido é sempre transformado de alguma forma.

O personagem Rei Esquilo encaixa exatamente como um avatar nesta “jornada” de um processo criativo e ao mesmo tempo de mudanças pessoais por ser um personagem que ao mesmo tempo é um humanóide também possuiu características selvagens deixando-o mais próximo da natureza sem interferência sociocultural do que da natureza imposta pela sociedade humana.

2.2 XILOGRAVURA

Para que eu possa me situar como um artista em xilogravura há que se fazer uma pequena introdução a respeito da técnica e trajetória, de forma resumida, de sua origem até o momento e o local onde inicio minha pesquisa.

Xilogravura significa gravura em madeira. É uma técnica de gravura onde se usa madeira com uma superfície plana para entalhar um desenho ou texto deixando em relevo o que se pretender reproduzir. Essa madeira é chamada de matriz. Após escavar a matriz o relevo é pintado com a ajuda de um rolo geralmente de borracha. Por fim um papel é colocado acima da matriz e é executada pressão, manual ou com prensas, para que a tinta passe para o papel, como na forma de um carimbo.

Existem dois principais tipos de xilogravura, a de fio e a de topo. A xilogravura de fio se caracteriza quando a árvore é cortada no sentido do tronco e a de topo quando é cortada transversal ao tronco (HERSKOVITS, Anico. 2006, p. 13-17). Também existem outros tipos de xilogravura com outros tipos de madeiras e cortes utilizadas hoje em dia como a madeira reciclada e o mdf (medium density fibreboard) que geralmente é uma alternativa sustentável tanto por ser feita com madeira de reflorestamento como por evitar o corte de árvores tradicionalmente utilizadas na xilogravura.

Figura 8 - Marcos Souto: Matriz de xilogravura, 2015.



Fonte: (SOUTO, 2015)

As pesquisas de Hughes e Vernon-Morris (2010, p. 166-167) citam que a utilização de blocos de madeira para reproduções teve suas origens no século XVI,

remetendo a Coréia e ao Egito. A transferência de imagens gravadas para o papel teve início na durante a dinastia T'ang na China no século IX.

A Europa só começou a utilizar fortemente este método de impressão a partir do século XIV através da influência da produção de papel manufaturado.

Por este mesmo motivo os centros mais importantes de xilogravura eram a Alemanha e os Países Baixos. As imagens gravadas em sua maioria eram imagens retiradas da Bíblia e já que a maioria das pessoas na época era analfabeta essas imagens serviam como um meio de instruí-las.

As xilogravuras, então, se popularizaram por possuírem a vantagem de serem baratas, acessíveis e educativas.

Logo após a chegada dos europeus às Américas, em especial no México, chegaram diversos gravadores abrindo estúdios de origem gótico-catalã. Com essas oficinas as publicações aumentaram de volume sempre com o objetivo de ajudar na conversão dos Aztecas ao catolicismo. Foram impressos inclusive livros bilíngües com o idioma Náhuatl e o Espanhol além de cartas populares de baralho.

Com o passar dos anos a técnica da xilogravura tornou-se mais sofisticada o que atraiu o interesse dos artistas da época e no final do século XV Albrecht Dürer elevou a xilogravura ao nível de arte. Ou seja, não apenas uma forma de passar informações, mas um objeto de apreciação estética.

A xilogravura no Brasil chegou como um traço medieval da cultura Portuguesa e foi amplamente desenvolvida na literatura de cordel que até hoje é muito forte no nordeste do país.

A Literatura de cordel é um gênero da literatura popular que é em sua maioria escrita de forma rimada de relatos orais, peças de teatro e demais fontes folclóricas que se tornaram mais fortes a partir do século XIX. Os cordéis são comumente expostos para a venda pendurados em barbantes ou cordéis, o que dá seu nome.

Figura 9 - Cordéis pendurados para a venda.



Fonte: (HISTORIASECENARIOSNORDESTINOS.BLOGSPOT.COM, 2017)

Entre os anos 1940 e 1950 surgiu um dos grupos que mais influenciaram a gravura no Brasil e principalmente no Rio Grande do Sul, o chamado Grupo de Bagé. Este grupo era inicialmente formado pelos artistas Ernesto Wayne, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, e Jacy Maraschin. Possuíam uma gravura que tratava diretamente de temas sociais e regionais defendendo a popularização da arte no estado e no país.

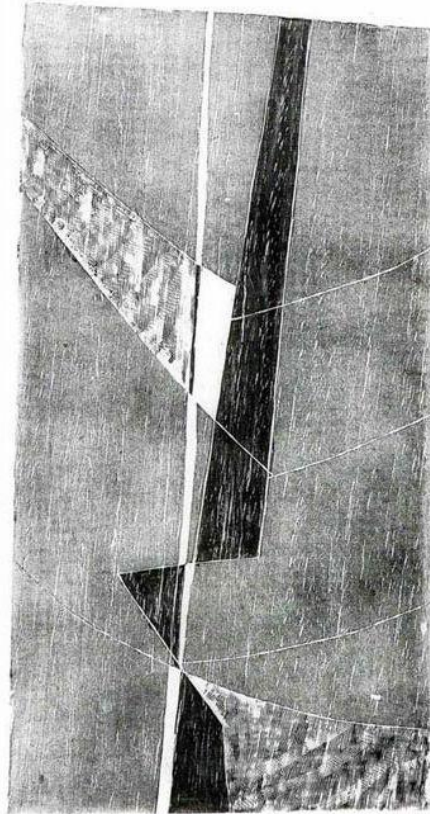
Figura 10 - Glênio Bianchetti: *Trançando*, Xilogravura, 1955. Prêmio aquisição no concurso de gravura da SEC



Fonte: (ITAUCULTURAL.ORG.BR, 2017)

Paralelamente, no Sudeste brasileiro, artistas como Fayga Ostrower (RJ), Maria Bononi (SP) entre outros, desenvolviam a xilogravura abstrata no Brasil.

Figura 11 - Maria Bononi: *Sem título*, 1955, Xilogravura. Acervo da autora.



Fonte: (ITAUCULTURAL.ORG.BR, 2017)

A xilogravura no país sempre teve uma estreita ligação com as pessoas e com o contexto sociocultural. Há que se pensar na xilogravura contemporânea como também uma forma de abordar temas comuns e pertinentes a todos nós, principalmente quando pensamos em questões que nos façam repensar nosso modo de vida.

O trabalho apresentado se caracteriza por ser, principalmente, realizado em xilogravura. A escolha desta linguagem não é apenas uma questão de predileção pela linguagem, mas uma forma de conexão entre a proposta do projeto e a minha bagagem pessoal.

2.3 PROJETO INICIAL DE MESTRADO

Ao iniciar no mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria vinha com um projeto que visava fazer o deslocamento de uma pesquisa desenvolvida durante a graduação para o espaço urbano ou espaços de comum circulação. A intenção era buscar maior alcance e, se possível, interação com um público que normalmente não costuma freqüentar museus e galerias.

São tratados aqui os três principais trabalhos desenvolvidos na disciplina de Ação e reflexão no contexto da Arte Contemporânea que foram realizados a partir do projeto inicial de mestrado e que culminaram no projeto final. Os trabalhos seguiram três propostas: um trabalho de caráter não institucional, um de caráter institucional e um trabalho que servisse como uma simulação.

O primeiro trabalho, intitulado **Esquilos**, foi o de caráter não institucional e foi realizado durante o *Descubra UFSM 2016*. O *Descubra UFSM* é uma feira que acontece anualmente na Universidade Federal de Santa Maria e é aberta ao público com o intuito de mostrar como funcionam os cursos ofertados na universidade além de diversas outras atrações. O evento recebe não só a comunidade local como diversos visitantes e que chegam de diferentes cidades para conhecer os cursos e campus. O trabalho **Esquilos** foi realizado como uma intervenção entre os estandes de alguns cursos do Centro de Artes e Letras (CAL).

A área dos estantes funcionava como um grande corredor na entrada do evento, promovendo uma grande circulação de pessoas.

Para este trabalho foi usado o principal elemento em que a narrativa visual orbita: o esquilo. A partir da imagem de três esquilos foram feitas entre 150 e 160 fotocópias que foram coladas nos principais estandes do CAL.

O principal conceito do trabalho era explorar a obsessão pela imagem do esquilo, bem como a repetição e saturação de umas imagens. Esta ideia fazia menção à quantidade excessiva de propagandas que vemos todos os dias e também ao período eleitoral de 2016 quando tivemos um aumento massivo de propaganda nas principais mídias e nos lugares de livre circulação.

Figura 12 - Marcos Souto: *Esquilos*, 2016, Intervenção no Descubra UFSM.



Fonte: (SOUTO, 2016)

Durante os três dias do evento sugeri as pessoas que passavam que interagissem com os trabalhos da maneira que quisessem. Além de lápis, canetas, sprays etc, eram disponibilizados alguns materiais como pincéis e tintas pela organização do evento.

Através destas interações em pouco tempo o trabalho assumiu um caráter totalmente diferente. A primeira mudança foi em relação à questão da repetição da mesma imagem. As interferências deram uma identidade única a cada uma das imagens sendo estas além de modificadas também assinadas.

Figura 13 - Marcos Souto: *Esquilos*, 2016, Intervenção no Descubra UFSM.



Fonte: (SOUTO, 2016)

As interferências variaram de simples apropriações, customizações da imagem do esquilo e até questões políticas. A apropriação dos trabalhos criou um espaço político de diálogo e livre expressão atuando como um ponto neutro resguardado pela licença poética da obra.

Algumas pessoas que interagiram com o trabalho também passaram a se conectar através de contatos de telefone e redes sociais que eram deixados nos trabalhos. Sendo que cada grupo que interferia nos **Esquilos** deixava seu contato e anotava os contatos já deixados. Por fim o trabalho, então, é absorvido e resignificado pelo público se tornando parte do seu imaginário social.

Pallamin complementa o contexto do trabalho no espaço urbano ao dizer,

Os significados da arte urbana desdobram-se nos múltiplos papéis por ela exercidos, cujos valores são tecidos na sua relação com o público, nos seus modos de apropriação pela coletividade. Há uma construção temporal de seu sentido, afirmando-se ou infirmando-se. (PALLAMIN, 2000, p. 18-19).

Essa experiência foi extremamente significativa, pois fez com que eu repensasse a figura do esquilo não só como um elemento da minha pesquisa desde a graduação, mas como um catalizador das questões que eu pretendia abordar no projeto inicial do mestrado.

Figura 14 - Marcos Souto: *Esquilos*, 2016, Intervenção no Descubra UFSM.



Fonte: (SOUTO, 2016)

O Segundo trabalho também finalizado durante o mestrado e intitulado **Mural**, foi de caráter institucional e foi realizado durante o 2º Colóquio *Internacional de Ética, Estética e Política* da Universidade Federal de Santa Maria.

O trabalho consistia em avisos, propagandas, informações entre outros, em diversos formatos e tipos de papel para que se misturassem aos cartazes, panfletos e outros materiais já existentes nos murais.

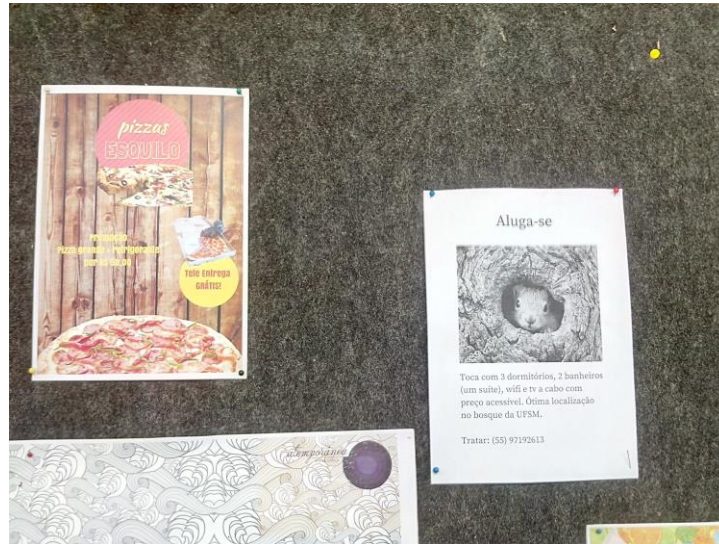
A partir da imagem do esquilo criaram-se diferentes tipos de materiais publicitários que se utilizavam da sátira para criticar o conteúdo que estava nesses murais. Estes materiais traziam desde propagandas de religião, imóveis e até de restaurantes.

Este trabalho foi inserido em três murais de avisos do Centro de Artes e Letras em um corredor central com muita circulação.

Do conceito do trabalho **Esquilos, Mural** propunha a reflexão sobre a relevância das informações destes murais de avisos. Podemos perceber como o consumismo e a propaganda em geral acaba tomando conta de todos os espaços e descaracterizando um espaço de informações pertinentes ao centro em que está situada.

Os murais estavam repletos de informações como sobre onde comer, o que vestir, compra e venda de produtos não relevantes aos cursos daquele centro, entre outros.

Figura 15 - Marcos Souto: *Murais*, 2016. Intervenção nos murais do Centro de Artes e Letras da UFSM durante o 2º Colóquio Ética, Estética e Política.



Fonte: (SOUTO, 2016)

O material do trabalho **Mural** foi colocado entre os outros materiais gráficos, de forma quase imperceptível até que um ou outro chamava atenção de quem passava e olhava as informações no mural. As reações eram as mais diversas, desde o riso até o descontentamento de alguns me instigava e provocara.

Independente da reação o fato do público que diante dos murais passava a dirigir um olhar para o conteúdo dos materiais destacados isso fez com que este conteúdo fosse pensado, novamente como posso citar Pallamin

(...)a arte pública, a arte que se faz no espaço público, o gesto, a intervenção, o evento, a instalação, o espetáculo, a apresentação, a arquitetura - que é, enquanto arte, pública por excelência -, tudo isso exerce sobre o social preexistente um impacto, em que talvez a hegemonia seja confirmada ou desafiada, mas, mais importante que isso, em que algo do novo desse social passa a ter existência. (PALLAMIN, 2000, p. 10).

Este olhar sobre o conteúdo do mural implicaria em dar visibilidade e relevância ou não aos materiais gráficos expostos nos espaços coletivos de informação.

O resultado dessa intervenção durante o evento foi a retirada de todo o material por parte dos responsáveis pelos murais do CAL e foram realizadas novas

identificações para cada um dos três murais (informações, informações gerais etc) e a organização do material no mural de forma padronizada.

Acredito que, através deste trabalho, sendo ele compreendido em sua totalidade ou não, fez-se repensar quais tipos de informações enviamos, recebemos e qual a sua importância em determinado contexto, lugar ou situação. A partir desse novo olhar criou-se um espaço de informações mais organizadas e relevantes para o público que por ali passa.

A Cada dia, com o aumento da publicidade, do consumismo e de novas tecnologias é perceptível a poluição visual que nos cerca. Esse acúmulo de informações faz com que, no final das contas pouca coisa consiga se assimilar de forma eficaz perdendo, muitas vezes, informações que poderiam ser úteis em razão de informações momentaneamente irrelevantes e fora de contexto.

É possível ver atualmente o mural com menos materiais gráficos diminuindo a poluição visual além de estarem agrupados por categorias mais específicas auxiliando quem procura se informar. Apesar da retirada de boa parte do material e da padronização por categorias, penso que desta forma as informações com assuntos relevantes para os alunos do CAL passam a ter mais visibilidade e realmente cumprir seu papel de informar.

O terceiro trabalho, intitulado **Portas**, foi realizado durante uma residência artística com o grupo *Momentos-Específicos de Atuações Poéticas, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (CNPq/UFSM)* no campus de Silveira Martins da UFSM e fazia parte da proposta de simulação. A principal ideia da residência era construir um trabalho que dialogasse com a pesquisa individual de cada artista e também com o local de realização.

É preciso falar brevemente sobre o contexto do campus de Silveira Martins para que se possa ter um entendimento mais abrangente do trabalho. O campus de Silveira Martins, está localizado na cidade de Silveira Martins a 33km de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A cidade, outrora conhecida como cidade branca (Cittá Bianca), é considerada o berço da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Brasil. O campus de Silveira Martins faz parte da UFSM e possuía alguns cursos como Administração, Turismo, entre outros. Recentemente, estes cursos foram absorvidos pelo campus central da UFSM, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O prédio e toda a estrutura do campus de Silveira Martins ainda pertencem a UFSM que está direcionando novos usos para o local.

Fomos para o campus de Silveira Martins em uma residência artística que tinha a preocupação de ocupar o espaço e criar trabalhos que dialogassem com o local. Esse diálogo visava valorar um campus naquele momento desocupado e completamente funcional e também para a própria cidade que é considerada uma cidade turística.

Nas portas do prédio encontravam-se identificações das salas, com nomes de professores, departamentos, cursos, entre outros. Estes cartazes agem como uma lembrança do que havia ali, visto que estes cursos e funcionários não estão mais presentes. Esses cartazes evocavam fantasmas, memórias passadas do prédio ao mesmo tempo em que refletiam certo tipo de decadência em relação ao espaço estar sem uso.

A ideia do trabalho foi simular um novo tipo de ocupação daquele espaço com os integrantes da residência que estavam trabalhando naquele local. Para isto foram retirados os cartazes e substituídos por cartazes com o mesmo material, tamanho, fonte das letras e logotipo da instituição.

Por esse motivo o trabalho inicialmente passa despercebido até que as pessoas que freqüentam o local começar a notá-los. Cada uma das salas estava ocupada por uma ou mais artistas durante os três dias de residência e os cartazes faziam menção a estas pessoas e as suas pesquisas criando departamentos e cursos fictícios.

Destaco aqui o cartaz que foi colocado na sala em que fiquei durante os dias de residência. Novamente abordei as questões individuais da pesquisa através de um pensamento que trago (esquilosofia) e de uma personagem da pesquisa de graduação que guia toda a história narrativa.

Figura 16 - Marcos Souto: *Portas*, 2016. Intervenção nas portas do Campus de Silveira Martins da UFSM durante residência artística.



Fonte: (SOUTO, 2016)

De certa forma os cartazes originais também eram fictícios, vistos que carregavam uma memória de um momento no espaço tempo que existiu para alguém. Os novos cartazes traziam novas situações, e novos acontecimentos em um novo espaço temporal.

Este trabalho se relacionava aos anteriores partindo de um algo que falava do imaginário social para um trabalho que repensava o olhar sobre as informações que recebemos e que tratava do modo que nos relacionamos.

A principal questão abordada neste trabalho, relacionando com as propostas anteriores e a da residência, era de focar na importância de se pensar os lugares que habitamos. Não pensar no que é ou não real, mas pensar como habitamos e o que deixamos e o que levamos conosco, sejam estas coisas físicas ou imaginárias. Os cartazes deixados propunham não tratar do que não estava mais ali e nem da relação do que esteve com o que não está, mas sim exatamente do que esteve, do que foi feito e de como o espaço foi utilizado. Essa marca na memória do campus de Silveira Martins através do trabalho *Portas* buscava contornar a ideia de degradação ou desocupação, mas lembrar do que o prédio significou em um determinado período de tempo em que foi habitado e efetivamente utilizado.

Embora o projeto inicial se relacionasse diretamente com a interação social não me estava clara a relevância da proposta em relação a sua contribuição. Decidi então repensar a proposta em relação à ancestralidade da minha pesquisa e para onde eu poderia direcionar o trabalho de forma mais clara.

A partir destes trabalhos e da mudança do projeto iniciei um processo criativo voltado à gravura, livro de artista e projetos paralelos e, posteriormente, apenas à xilogravura com uma ideia mais definida do que realmente seria abordado. A questão principal, tanto do projeto inicial como do projeto final, acaba retornando para a questão das interações entre naturezas. Interações estas que muitas vezes não são devidamente consideradas e que causam um grande impacto social e ambiental.

2.4 ECOSOFIA

Partindo dessas experiências, de mais leituras e outras percepções tracei um novo direcionamento a esta investigação. Portanto, também é necessário se fazer uma introdução a ideia principal por trás das motivações e propósitos do projeto atual. Esta ideia norteou todo o trabalho e se aprofundou durante o decorrer do ano até sua finalização.

A pesquisa em si não possuiu um caráter focado no ativismo e sim na arte, como já foi dito, como ferramenta que se aproxime mais das necessidades contemporâneas de pesquisa em Artes Visuais. Para melhor explicitar essa forma de compreensão encontro em Jung (2008) uma importante reflexão sobre o papel de algumas representações na sociedade:

(...) O homem contemporâneo paga o preço de uma incrível falta de introspecção. Não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e eficiência, continua à mercê de “forças” fora do seu controle. Seus deuses e demônios não desapareceram; têm apenas novos nomes. (p. 103)

Entendo que, em meio a esta falta de diálogo dos seres humanos consigo mesmo, um dos resultados mais alarmantes dos últimos tempos é a crise ecológica.

A crise ecológica atual é uma realidade urgente. Muito tem se falado do tema nos últimos anos e, apesar de alguns esforços, a degradação do meio ambiente já ultrapassou todos os limites sustentáveis do planeta.

O consumo humano do planeta, segundo o relatório Planeta Vivo 2006 (HAILS, Chris., 2006) divulgado pela WWF, já ultrapassava o limite de regeneração do planeta até 2030 estaremos consumindo em um ano duas vezes o que o planeta pode produzir a cada ano. Isso se tratando apenas de recursos naturais, sem contar o aumento da poluição, da agressão ao meio ambiente e todo o tipo de desastres ambientais.

Com um mundo cada vez mais tecnologizado e um ritmo de vida acelerado acredito que a arte pode dialogar de forma potente com as pessoas do mundo contemporâneo as aproximando dos seus “deuses” e “demônios” (Jung, 2008, p. 103).

É necessária não só a mudança de atitudes diretamente relacionadas à sustentabilidade, mas também uma mudança de paradigma.

Para Capra (2006) todos os problemas relacionados ao meio ambiente (causados pelo ser humano) são sistêmicos, interligados e acima de tudo interdependentes.

É necessário que haja uma mudança de percepção social que ainda não despontou totalmente para que possamos pensar soluções sustentáveis de viver sem influenciar negativamente o ecossistema.

O principal catalisador desta forma de agir degradadora é a visão enraizada no sistema inconsciente coletivo do sistema capitalista de domínio e destruição, instaurados de diversas formas em instituições globais. Entretanto, como diz o autor, estas percepções partem individualmente de cada ser humano. Sendo assim, estando estes elementos todos interligados como uma unidade, o autor acredita que uma atitude de reflexão individual possa resultar na mudança de um paradigma global.

Um novo paradigma global trataria de uma visão de mundo holística e ecológica. O mundo todo interligado como uma teia, principalmente em campos de estudo que se encontravam separados como a filosofia e a psicologia de uma ética ecológica.

A arte e outras ciências podem e deveriam ter como papel ativo abordar estas questões, ampliando e modificando o pensamento vigente sobre a nossa relação com o planeta.

Essas relações tecidas aqui pela arte pretendem estar a serviço do público como possíveis catalisadores de novas ideias e pensamentos para que possamos reforçar a necessidade de urgentes mudanças. Como citam Albelda e Sgaramella

Históricamente las nuevas ideologías siempre han tenido necesidad de un arte y unos relatos que las anclen, que aumenten su empatía cultural y su nivel de asimilación profunda e identificación popular. El arte y la estética no son sustanciales para producir un cambio revolucionario, pero son un compañero de viaje necesario para que dicha revolución sea exitosa y perdurable. (ALBELDA, José., 2015, p. 22)

De acordo com Guattari (1990) a ecologia é entendida como uma ciência que estuda a relação entre diversos seres em um meio ambiente, não só do ponto de vista biológico, mas também neste caso social e filosófico. Guattari escreve sobre uma ideia de *ecosofia*², composta por três ecologias sendo estas: Ecologia mental, ecologia social e ecologia subjetiva.

Na ecologia mental Guattari trata basicamente do pensar e ser humano. Do modo que vemos e sentimos, de como somos e de como, de certa forma, retomar o nosso estado natural não programado como contemporaneamente estamos.

Em relação à ecologia subjetiva é comentado no texto acerca, principalmente, do que nos molda e nos atinge no nosso modo de viver, pensar e nos relacionar.

Por fim, a ecologia social trata das relações sociais que também ditam como nos relacionamos com o nosso meio ambiente.

Guattari nos alerta para nossa influência e comportamento atualmente ditados pela mídia e pela economia. Há uma separação do mundo natural e do mundo cultural e este mundo cultural, assim como o ser humano, se torna cada vez mais corrompido. Apesar dos avanços científicos e tecnológicos que poderiam resolver muitos dos problemas do planeta permanecemos presos nessa direção negativa. Não há uma preocupação com o futuro que não o futuro imediato tão pouco preocupado com a qualidade de vida que o planeta poderá oferecer no futuro. Continuamos presos no presente acreditando que o planeta tem o objetivo de nos servir e não como uma espécie que se preocupa em manter o ecossistema e passar adiante conhecimento e progresso sustentável.

Para que estas mudanças comecem é necessário não somente mudanças de pensamentos, mas uma mudança de valores. Valores estes que atuem de forma mais integrativa e menos autoafirmativa.

² Nota: Existem outros autores que tratam da *ecosofia*, como Naess e Maffesoli. Este segundo possuiu uma visão otimista de uma “*ecosofia* em curso”. Entretanto para contrapor algumas visões entre o antropocentrismo e o ecocentrismo me concentrarei basicamente em Guattari.

Este pensamento autoafirmativo baseado na crença de progresso material ilimitado e obtido através do crescimento econômico e tecnológico produz uma visão atual de mundo onde vemos o universo como um sistema mecânico, o corpo como máquina e a sociedade como uma luta competitiva.

No documentário *Take your pills*³ (2018) é introduzido o termo “capital humano”. Apesar do foco do documentário ser mais direcionado para o consumo de drogas lícitas eu penso que seja relevante utilizar este termo, pois acredito que ele define bem a atual visão social do lugar do ser humano no mundo.

Nesta visão de capital humano as pessoas atuam como empresas ou investimentos e precisam estar constantemente em busca de uma validação social e econômica para se sentirem parte de um sistema que os separa do mundo natural (como uma árvore que nem sempre estará verde ou gerando frutos).

Esta separação da natureza implica em um descaso com o meio ambiente acreditando que os recursos necessários ao nosso modo de vida sejam ilimitados sem a necessidade de um remanejamento de suas formas de consumo de modo que estes recursos possam se renovar.

Neste sentido, na reorganização desta investigação optei por dar visibilidade à consciência de uma ecosofia ponderando sobre a visão antropocentrista e a ecocentrista, pois acredito que dada a urgência de mudanças sócio ambientais as pequenas alterações tecidas na história (seja a nossa própria, seja a do esquilo rei) podem influenciar na formação de novas subjetividades. Tanto no sentido de propor novas soluções, ou mesmo no de gerar reivindicações reparatórias, assim sendo me somo àqueles que têm, através da arte, o propósito de discutir a preservação e a sustentabilidade, pois é urgente discutir e tentar reverter o atual ciclo de deterioro do planeta.

O antropocentrismo, em suma, pode ser considerado como a visão de que o ser humano está no centro do universo.

Esta visão antropocêntrica foi bastante fortalecida na sociedade ocidental a partir do humanismo renascentista em oposição ao teocentrismo. Este distanciamento da figura de um deus e a aproximação da capacidade humana e sua valorização contribuíram, em determinado momento, para um desenvolvimento intelectual, cultural

³ O documentário *Take your pills* (2018) do diretor Alison Klayman trata da questão de como a atual sociedade lida com o consumo de drogas (como Ritalina e Aderall) para aumentar seu desempenho profissional e acadêmico e obter validação social.

e tecnológico. Entretanto, ao mesmo tempo afastaram o ser humano também de sua natureza animal. O ser humano continuou a margem de uma natureza em que vive e faz parte.

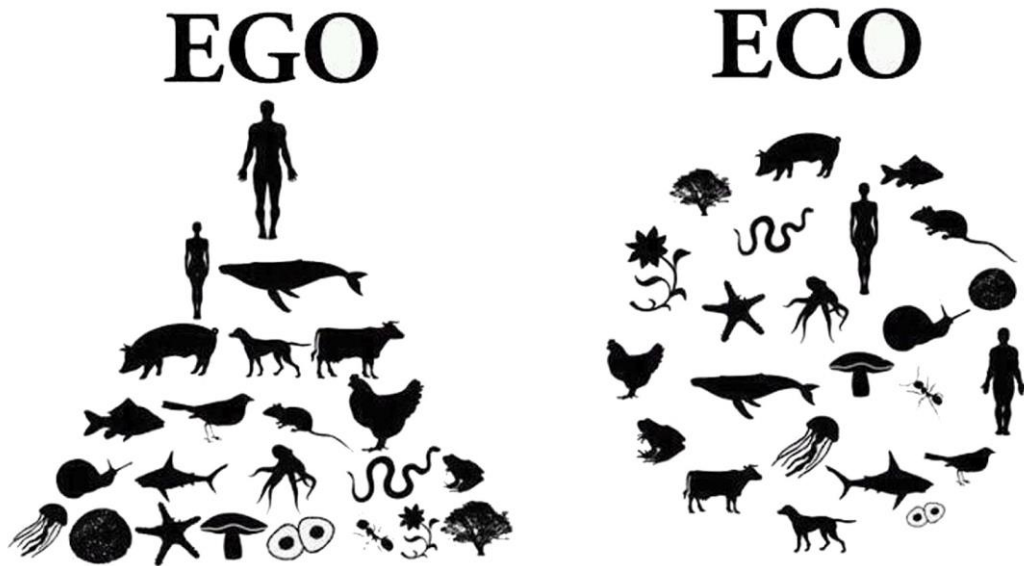
O atual antropocentrismo não excluiu totalmente o teocentrismo, mas até este possuiu valores e pensamentos antropocêntricos favorecendo o ser humano mesmo que este não esteja completamente no centro do universo.

O ecocentrismo parte de uma política filosófica que foi mais bem estruturada a partir dos textos de Aldo Leopold. Em suma o ecocentrismo coloca o ser humano como parte da natureza e, portanto em uma posição de igualdade com qualquer elemento de natureza não humana e por fazerem parte de uma mesma natureza é obrigação do ser humano respeitar e preservar o meio ambiente.

Esta ideia coloca o ser humano como parte de um longo sistema evolucionário que inclui não só os seres vivos como até a atmosfera do planeta em que vivemos. A partir desse ponto de vista ecocêntrico o ser humano, dotado de um poder de raciocínio, teria uma responsabilidade inclusive maior com o planeta de forma cooperativa e preservacionista como apontaram Rowe e Mosquin em seu manifesto para a Terra, "(...) O objetivo é a restauração da diversidade e beleza da Terra, com nossa prodigial espécie, uma vez mais como um cooperativo, responsável e ético membro." (2004)

Esta mudança vai muito além, pois ao mudarmos nosso modo de viver, pensar sobre os problemas ambientais e nas relações entre culturas e convivência surge uma forma mais natural de existir e com caminhos que proporcionem melhor qualidade de vida para todo o planeta.

Figura 17 - Imagem que ilustra um pensamento voltado ao antropocentrismo com o ser humano acima da natureza (em especial os outros seres vivos) e ao lado uma visão ecocentrista.



Fonte: (ECOART.INFO, 2017)

Os artistas possuem uma importância sem igual no que se trata destas questões. Tanto através de ações sociais e políticas como em abordagens que ajam de forma mais subjetiva e possibilitem o espaço para tratar destas questões urgentes. Como posso incluir uma artista como Lucía Loren, nascida em 1973 em Madrid. Ela é uma artista Espanhola que reside na Espanha. É licenciada em Bellas Artes pela Universidad Complutense e ganhadora de diversos prêmios na área. Atualmente, ela é Docente da Universidade Nebrija em Madrid.

Lúcia possuiu um trabalho significativo sobre as reflexões das relações de intercâmbio entre o ser humano e a paisagem que o cerca. Lúcia realiza desenhos, instalações intervenções e esculturas.

Figura 18 - Lúcia Loren: *Al hilo del paisaje*, 2009, Intervenção



Fonte: (LUCIALOREN.COM, 2017)

Na série principal dos trabalhos deste projeto abordarei as questões de relações entre naturezas e seus impactos mútuos. Acredito que será um passo pequeno em meio a um grande problema, mas que poderá somar com muitos outros e incentivar as discussões sobre estas questões.

2.5 PESQUISA REFORMULADA

A pesquisa aqui apresentada, ao se tratar da forma como é apresentada plasticamente, continua com a ideia de usar material impresso (antes cartazes, fotocópias, entre outros, e agora gravuras, múltiplos e livros). Mas foram feitas mudanças em relação ao sentido e no contato com o público. Diferente dos primeiros trabalhos que foram realizados no Mestrado, mediante o amadurecimento e consolidação da pesquisa, já não há preocupação com a instauração da obra no contexto urbano e cotidiano ou fora dele em algum local específico direcionado para alocação de trabalhos em arte.

O foco da pesquisa retornou ao processo criativo, à construção do personagem nos trabalhos realizados e a forma como esta pesquisa dialoga com a proposta central relacionada com o meio ambiente e com a mudança de ideias. Núñez (2015, p. 23)

afirma que não há necessidade da criação de novos diálogos e sim expandir o atual diálogo possibilitando avançar o conceito de habitat humano.

Esse conceito que traz o ser humano interdependente do restante da natureza, propicia mudanças de valores que visam não apenas criar novas ideias sobre sustentabilidade, mas também restaurar ecossistemas potencialmente danificados pela ação humana.

Afirmar algumas mudanças de paradigma, principalmente alguns tão enraizados em nossa sociedade, pode parecer uma afirmação difícil de quantificar ou de propriamente afirmar com tanta certeza. Assim, com a proposta da pesquisa redirecionada, busco dar visibilidade à reflexão vivida no processo do próprio realizador/artista/investigador através de um personagem/avatar. Penso que, ao longo deste processo de investigação, a pesquisa me modificou e, portanto, muitas mudanças foram acontecendo comigo, com a pesquisa e com todo meu modo de pensar e fazer arte.

As xilogravuras apresentadas a seguir enfocam estas relações entre diferentes naturezas que coexistem em um mesmo sistema biológico.

A partir do personagem Rei Esquilo oriundo das pesquisas anteriores eu escolho momentos em que há transformações, simbioses e conflitos a partir do contato entre a natureza do personagem e a natureza do ambiente que o cerca.

Este contato, tratando-se de uma história inventada, não possuiu nenhum direcionamento econômico ou social do ponto de vista da sociedade humana em que nós estamos inseridos. O personagem se mostra, apesar de seus conflitos, inserido na natureza mantendo também sua humanidade.

Estes momentos são descritos através de xilogravuras que buscam não só um resultado plástico, mas também dar conta de uma reelaboração de questões através de uma história pessoal. A pesquisa, assim como as narrativas em xilogravura, atua como uma jornada de autodescoberta onde escolho começar uma mudança de um modo de vida a partir da minha própria vida e do meu modo de coexistir e me relacionar com o mundo.

Esta mudança pessoal se dá a partir de uma imersão enquanto processo criativo para que se possam produzir trabalhos que evoquem a subjetividade dos valores ecocêntricos aqui mencionados.

Por se tratar de um trabalho no qual faço uso de um personagem que serve como uma “máscara” em tempo integral é evidente que há mútua influência entre

artista e personagem. Esta potencialização foi se constituindo ao longo do processo de construção da investigação, não foi algo premeditado, mas sim vivido e reelaborado, o que será expresso nas considerações finais da pesquisa.

Alguns aspectos do tema se unem com alguns aspectos pessoais nos trabalhos que seguirão, mas de forma alguma isso desvia o foco principal, pois esta mudança interpretada pelo personagem influi no próprio personagem e por sua vez em mim ao “vesti-lo” por assim dizer.

A principal questão abordada trata do impacto destes encontros e o modo de vida e refletem nossa atitude, como seres humanos, com o meio ambiente. Comumente o ser humano é visto como um elemento a parte da natureza (visão antropocêntrica) propagando um pensamento e atitude destrutiva com poucas preocupações ecológicas.

Através destas xilogravuras narrativas é proposta a questão do quanto tudo que se encontra e possui uma individualidade pode transformar a si e o que está a sua volta de maneiras potentes.

Essa transformação, que começa a partir do processo de realização das gravuras, busca deixar de lado qualquer limitação imposta por um ponto de vista antropocentrismo dando início a uma visão ecocentrismo.

A relação entre os dois pontos de vistas distintos é sugerida na forma e nas situações em que os elementos da narrativa se apresentam.

3 DESDOBRAMENTOS DA POÉTICA

Sobre o processo criativo e construção da série principal de trabalhos.

3.1 PROCESSO CRIATIVO

Antes de partir para a série final de xilogravuras realizei algumas investigações que fizeram parte do processo de aprimoramento da pesquisa.

Minha preocupação inicial era realizar uma pesquisa e obter resultados poéticos que pudessem contribuir, mesmo que de forma muito singela, para uma mudança de pensamentos e atitudes coletivas. Seguindo esta investigação e aos poucos retornando para a xilogravura percebi que uma forma mais efetiva era começar exatamente por mim, obtendo assim mudanças mais profundas e um resultado mais coerente.

A seguir mostro alguns dos trabalhos que realizei e que me propiciaram uma reflexão maior sobre a narrativa pessoal utilizada e a ressignificaram, pelo menos para mim, lhe dando um direcionamento mais político⁴.

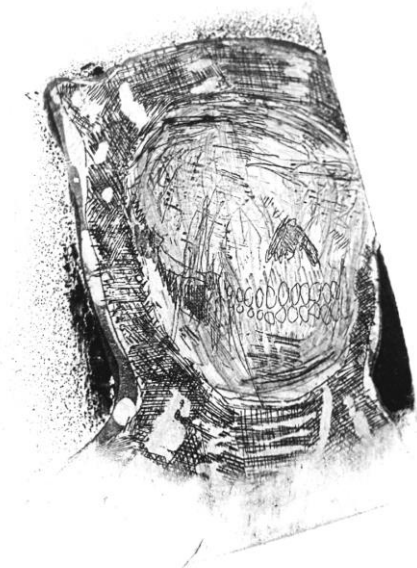
⁴ A palavra *política* aqui está sendo usado no sentido grego clássico de *pólis* fazendo menção a ressignificar a narrativa ficcional usada para pensar em assuntos que sejam de importância coletiva, neste caso a questão ambiental. Fonte: Wikipédia < <https://pt.wikipedia.org/wiki/politica>> Acessado em: 06 ago. 2018.

Figura 19 - Marcos Souto: 24353706227, 2017. Gravura em metal.



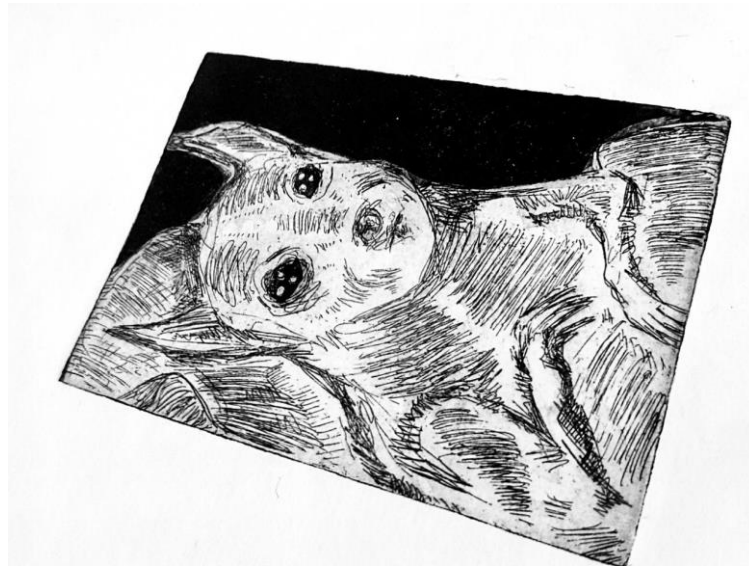
Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 20 - Marcos Souto: *Rei Esquilo*, 2017. Gravura em metal.



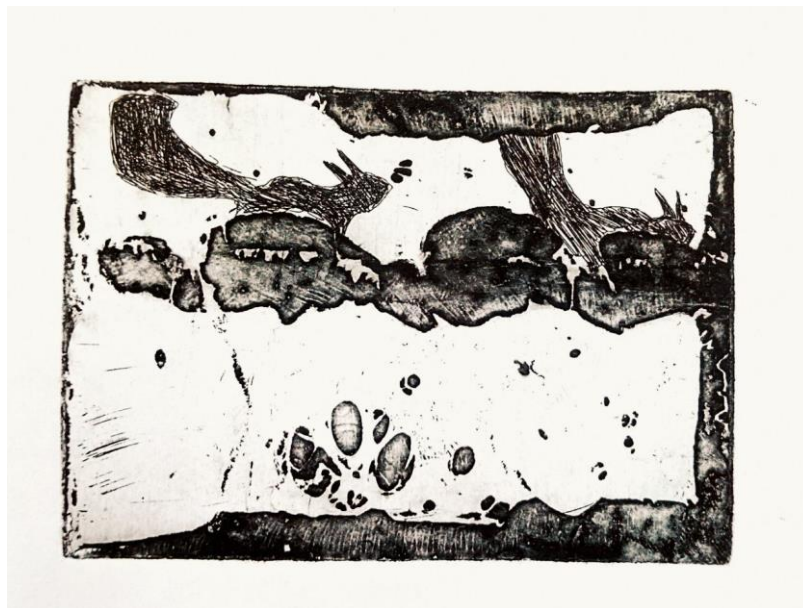
Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 21 - Marcos Souto: *Sem título*, 2017. Gravura em metal.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 22 - Marcos Souto: *Esquilos*, 2017. Gravura em metal.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Na história (Apêndice A), toda a vida principal gira em torno de uma árvore bioluminescente e esse recurso tentou ser passado para uma técnica tão tradicional como a gravura.

É claro que a bioluminescência não necessitaria de uma reação com luz UV, entretanto a preocupação foi essencialmente com o resultado plástico e com materiais e modos de instauração do trabalho que causassem nenhum ou o mínimo de qualquer tipo de impacto ambiental.

Além da questão que dialoga com a história contada é interessante pensar na xilogravura como uma técnica viva e de grandes possibilidades, se adaptando às tecnologias atuais e se desvinculando cada vez mais do seu conceito inicial de reprodução de imagem ou texto para um conceito puramente artístico.

As outras xilogravuras denominadas **Samsara** apesar de também possuírem tintas fluorescentes seguiram outro caminho sendo executadas com três matrizes. Ou seja, para cada cor uma matriz diferente de xilogravura foi escavada e as três matrizes foram impressas sobrepostas. Como se tratava de uma xilogravura experimental foi deixado de lado a questão da tiragem e foram utilizados vários tons de cores conferindo a cada gravura uma impressão singular.

Figura 23 - Marcos Souto: *Inverno*, 2017. Xilogravura com tinta fluorescente sob luz negra.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 24 - Marcos Souto: *Inverno*, 2017. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 25 - Marcos Souto: *Samsara*, 2017. Xilogravura com tinta fluorescente e tinta preta.



Fonte: (SOUTO, 2017)

O primeiro livro de artista foi intitulado *Nutshell*. Uma noz lembra esquilos, o que remete ao elemento base de todo o meu imaginário ao mesmo tempo em que remete à famosa frase “viver em uma casca de noz” e a expressão em língua inglesa “in a nutshell” que significa “resumo” ou mesmo “em poucas palavras”.

Essas não são simples associações livres, pelo contrário, remetem a algo base ao mesmo tempo em que se tem um universo em uma casca de noz e em breves e resumidas palavras são o que ditam o conteúdo do livro.

O trabalho todo se relaciona com a construção imagética e identitária. O livro de artista traz uma breve compilação de boa parte destas informações que estruturam e dão forma através da influência direta ou indireta em minha própria identidade de forma pessoal e como artista. Essa construção originária de lembranças, influências e todo o tipo de interferência que se tornam parte do meu imaginário pessoal busca possibilitar ver o mundo através dos meus olhos com a intenção de que quem olha perceba melhor as questões subjetivas da minha pesquisa.

Figura 26 - Marcos Souto: *Nutshell*, 2017. Livro de artista.



Fonte: (SOUTO, 2017)

O segundo livro de artista é feito de forma digital. A ideia é que se tornem múltiplos, podendo assim ser reproduzidos de maneira mais dinâmica para serem distribuídos.

O livro é dobrável e, além desta visualização página, por página ao ser aberto funciona como um pôster que pode ser visualizado de ambos os lados. Cada lado possui várias espécies de criaturas e suas classificações. De um lado esquilos e do outro os personagens da narrativa que uso nas xilogravuras.

Como em forma de pôster o material utilizado é o papel reciclado, buscando sempre que haja um diálogo entre a temática do livro e o material utilizado.

As imagens são feitas através de uma mesa digitalizadora, apenas linhas de forma simples e interpretada. O segundo livro, também um complemento da pesquisa, age de certa maneira da mesma forma que o primeiro ao aproximar mais o público ao assunto da pesquisa. Essa familiaridade gerada tem por quebrar algumas barreiras entre a obra e o espectador facilitando a construção conjunta de percepções.

Figura 27 - Marcos Souto: Desenho digital para o livro de artista múltiplo, 2017.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 28 - Marcos Souto: Desenho digital para o livro de artista múltiplo, 2017.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Figura 29 - Marcos Souto: *Panta Rei*, 2017. Cerâmica e suculentas.



Fonte: (SOUTO, 2017)

Panta Rei vem do grego e significa aproximadamente “tudo flui”. Esta expressão trazida pelo filósofo grego Heráclito de Éfeso (480 a.c.) Heráclito queria passar a ideia de que tudo flui, inclusive as ideias.

O filósofo usava a metáfora do rio que dizia que não se pode banhar no mesmo rio duas vezes, ou seja, o rio está em constante movimento.

Assim como a filosofia de Heráclito, nesta cerâmica em específico, busquei passar a ideia do *Panta Rei* em relação às ideias em constante transformação.

O Rei Esquilo, retratado na cerâmica, está em posição de pensador e suas ideias e concepções sobre a ética ecologia nascem, se transformam, estão vivas. Penso que mudar concepções pessoais, hábitos e modos de ver as coisas seja um trabalho de desconstrução difícil, porém possível. A medida que estudamos e nos reeducamos para as questões ambientais isso acaba por refletir diretamente em nossas ações, pois somos todos um rio que flui e devemos manter constantemente este movimento inclusive nos nossos pensamentos.

Continuando a partir destas investigações retorno completamente à linguagem da xilogravura que me é mais familiar e pode possibilitar a conclusão da pesquisa.

3.2 CONCEPÇÃO DOS TRABALHOS EM XILOGRAVURA

Durante o percurso da pesquisa não só a direção do projeto tomou outros rumos, mas os trabalhos práticos também foram tomando alguns desvios.

Na realização das xilogravuras ao passar o desenho inicial para a matriz nada é feito de forma automática, o projeto é concebido de forma a deixar a maior margem possível para os desdobramentos do próprio trabalho. Ou seja, ao ser transferido para a matriz o projeto seguirá em desenvolvimento, é quando busco as soluções que a matriz pode surgir. Através do tamanho da matriz, dos elementos organizados de uma forma ou de outra, me afastando e reaproximando da matriz, dou continuidade ao projeto.

Ao escavar a matriz essa concepção projetual continua sendo executada, mas seus desdobramentos têm similitude com a execução de uma pintura já que tento perceber o trabalho como um todo, acompanhando o que uma linha ou um gesto pode sugerir. Desta forma, considero as gravuras como um trabalho mais

gestual em que não busco uma precisão cirúrgica, mas uma escavação mais rústica. Acredito que este tipo de resultado estético possa refletir melhor o material e a técnica em consonância com a proposta mais orgânica e natural dos projetos.

Figura 30 - Marcos Souto: Processo de escavação da matriz de xilogravura, 2016.



Fonte: (SOUTO, 2016)

No que diz respeito aos materiais empregados para a realização dos trabalhos há uma preocupação dupla. A primeira diz respeito à utilização de materiais que causem o mínimo possível de impacto ambiental e a segunda em manter as características da técnica de xilogravura mais próximas de suas origens.

A princípio o papel a ser utilizado era o papel chinês de arroz *Wenzhou* ideal para técnicas com tintas a base de água. Além do resultado plástico do trabalho o papel se destaca também pela durabilidade e qualidade garantindo seja feita uma gravura duradoura e que mantenha suas características estéticas originais por mais tempo. Entretanto, talvez pela escolha da matriz ou até pelos fatores climáticos locais foram tendo que ser realizadas diversas adaptações. O mais prático e também a forma que mantivesse o trabalho na sua forma mais original foi substituir o papel por um papel moderno Canson com características plásticas ligeiramente diferentes, mas ainda com a mesma qualidade.

As xilogravuras principais serão feitas em matrizes de MDF (medium density fibreboard). A escolha do MDF como matriz se deve ao fato de que, mesmo não se tratando de um produto ecológico, se torna uma opção sustentável em vista da logística local empregada para a extração da madeira evitando o corte desnecessário das árvores tradicionalmente utilizadas para prover a madeira para a xilogravura independente da dimensão que será usada.

Figura 31 - Marcos Souto: Matriz de xilogravura em MDF, 2016



Fonte: (SOUTO, 2016)

Para a tinta foi escolhida uma tinta para gravura *Speedball* a base d'água por se assemelhar mais com a técnica oriental em oposição a que é normalmente utilizada no ocidente com tintas a base de óleo o que confere características próprias da tinta acrescentadas ao trabalho.

A impressão é feita de forma totalmente manual através do uso de um baren ou, na maioria das vezes, uma colher de pau tradicionalmente utilizada para a impressão de matrizes grandes ou de gravuras em que se deseja trabalhar de forma a precisar cada detalhe da impressão.

Este processo completamente manual desde a concepção do projeto na matriz desde a impressão é o que acredito, como já mencionei anteriormente, que

confere uma participação mais intensa durante o processo criativo prático onde cada detalhe e cada resultado refletem diretamente o fazer do artista.

3.3 SÉRIE DE XILOGRAVURAS

Inicialmente as xilogravuras mediriam 100x70cm e no total seriam realizadas em torno de cinco xilogravuras em uma série contínua.

Percebi por fim que a melhor maneira de criar um diálogo mais amplo seria a realização de mais xilogravuras, o que também garantiria uma maior diversidade para a série principal de trabalhos.

As xilogravuras são realizadas de forma tanto vertical como horizontal, porém nem todas possuem um sentido obrigatório. Algumas poderão ser vistas tanto de cima para baixo como ao contrário. A proposta de projetar algumas imagens que nem sempre possuam uma leitura direcionada espera contribuir para o sentido de equilíbrio e para um trabalho com múltiplos pontos de vista.

Mas também o projeto das imagens visa a contribuir com a ideia de dualidade e de forças que se encontram como formas diferentes de se posicionar e atuar no universo. É possível perceber, em alguns dos trabalhos, aspectos como o de linhas geométricas em oposição a linhas orgânicas. Esta oposição propõe a reflexão acerca de como nós, seres humanos, encaramos o mundo natural, o modificamos e construímos através de métodos que vão à contramão de um design natural. De certa forma, essa busca pela diferenciação da natureza é o que nos caracteriza como uma espécie que se vê a parte de um ecossistema integrado. Esse pensamento propicia que não nos preocupemos com a nossa influência no ecossistema que vivemos criando um efeito que além de muito potente geralmente é muito degradativo.

Nenhuma das xilogravuras segue uma ordem narrativa linear de acordo com a ordem da história em que se baseia. A história sobre o rei esquilo, que se encontra no anexo desta pesquisa, surgida durante a graduação em Artes Visuais auxilia na minha forma de abordar a temática ecosofista de forma pessoal.

Para que isso seja possível escolhi alguns momentos desta fábula, se assim posso chamá-la, para expressar alguns aspectos que dizem respeito à temática e ao processo de criação da pesquisa.

A seguir explico o que tenciono nos projetos iniciais de cada uma das xilogravuras. Decidi manter os projetos iniciais porque mesmo agora se tratando de um leque maior de xilogravuras elas ainda se unem e estão conectadas às ideias iniciais.

Acredito que seria demasiado incluir aqui todos os projetos que desenvolvi ao longo deste percurso e, posteriormente, apresentar a série pronta, por essa razão optei por apresentar alguns projetos iniciais seguidos das xilogravuras da série principal já finalizadas.

O primeiro projeto, com esta gravura em especial executada para a qualificação do mestrado, é sobre a criação do personagem principal. Ela é composta de lados opostos buscando uma dualidade entre dia e noite, entre terra e céu. O personagem, como uma criatura já nascida híbrida, se mistura entre várias imagens com silhuetas de esquilos que possuem esqueletos humanos.

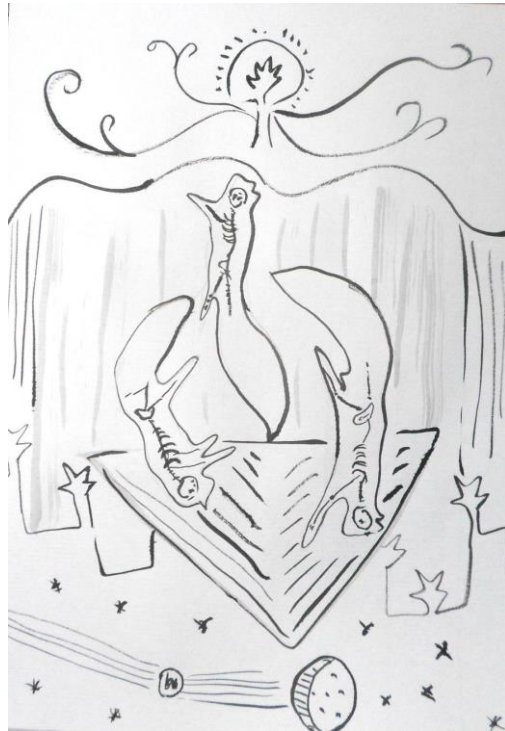
Estas criaturas já demonstram a natureza híbrida do personagem principal incluindo este ser a mesma categoria dos outros personagens animais e selvagens. Não há nenhuma “divisão humana” entre o que faz parte do mundo selvagem e o que faz parte de um mundo humanizado.

As linhas geométricas sugerem prédios, embora não tenha sido essa a real intenção, porém nos faz pensar em como as linhas que procuro serem linhas “não naturais” lembram os centros urbanos. Em contraste com estas linhas e formas geométricas há formas mais orgânicas em uma parte mais clara da xilogravura.

Na parte mais escura encontram-se o planeta onde a história ocorre e a lua, enquanto na parte mais clara o local de nascimento do personagem juntamente com a árvore que é mencionada na narrativa.

Esta primeira xilogravura atua mais como uma introdução a história ao mesmo tempo em que também introduz a temática do que será tratado. As figuras híbridas assim como as oposições entre claro e escuro, entre dia e noite e entre terra e espaço objetivam mostrar o contraste e os efeitos de naturezas opostas que se influenciam de forma considerável.

Figura 32 - Marcos Souto: Projeto da primeira xilogravura, 2016.



Fonte: (SOUTO, 2016)

Figura 33 - Marcos Souto: *Genesis*, 2017. Xilogravura.



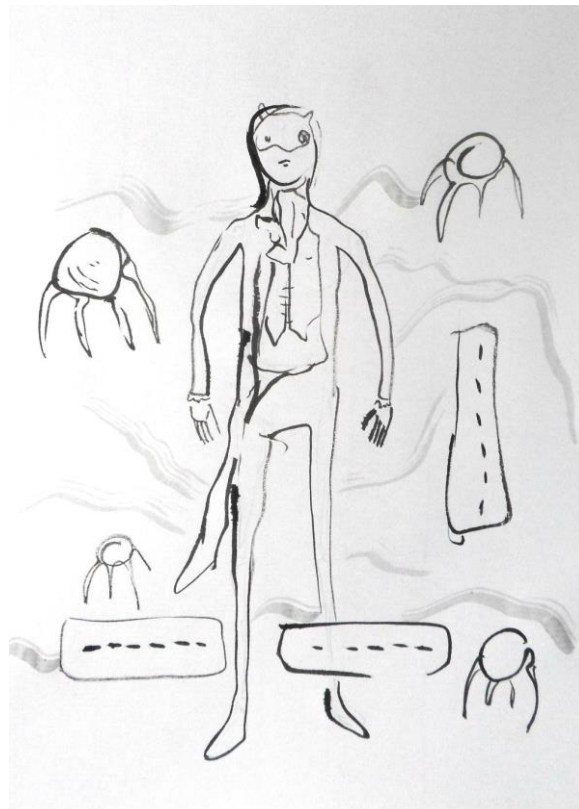
Fonte: (SOUTO, 2016)

A segunda parte dos projetos discutia o momento em que o personagem principal da história cai do seu mundo em um planeta que se acredita estar morto. É um momento que trata de destruição e os impactos causados neste ambiente. Inicia uma interação entre os elementos da xilogravura possibilitando uma simbiose dos personagens. Essa troca, em meio à destruição, apesar de tudo busca criar vida.

O personagem Rei Esquilo traz consigo elementos do seu passado inseridos em um contexto estranho em que se encontra. Através de uma xilogravura bastante escura o que sugere a luz dá forma aos elementos buscando assim transpor esta ideia de destruição e luta pela autopreservação.

Essa domesticação do que é selvagem que aos poucos confere uma identidade singular ao Rei Esquilo e o afasta do que é selvagem e natural é feita para que se possa perceber o início de um distanciamento do mundo através dessa natureza humana.

Figura 34 - Marcos Souto: Projeto da segunda xilogravura, 2016.



O terceiro projeto inicial é parte do momento da narrativa em que há um contra ataque inicial. Após esta primeira adaptação neste mundo hostil o Rei Esquilo ataca e tenta destruir os agentes causadores da destruição do seu lugar de origem. Usando a destruição contra a destruição esta xilogravura refere-se ao ciclo de degradação constante em que só seria quebrado através da preservação e da procura pela criação.

Essa xilogravura mais gestual foca no movimento e nos danos reciprocamente gerados. O personagem principal contra os personagens hostis (que são representados pelos pardais) em meio a uma luta que foge da razão. As consequências, assim como na narrativa, são sempre negativas.

Figura 35 - Marcos Souto, Projeto da terceira xilogravura, 2016.



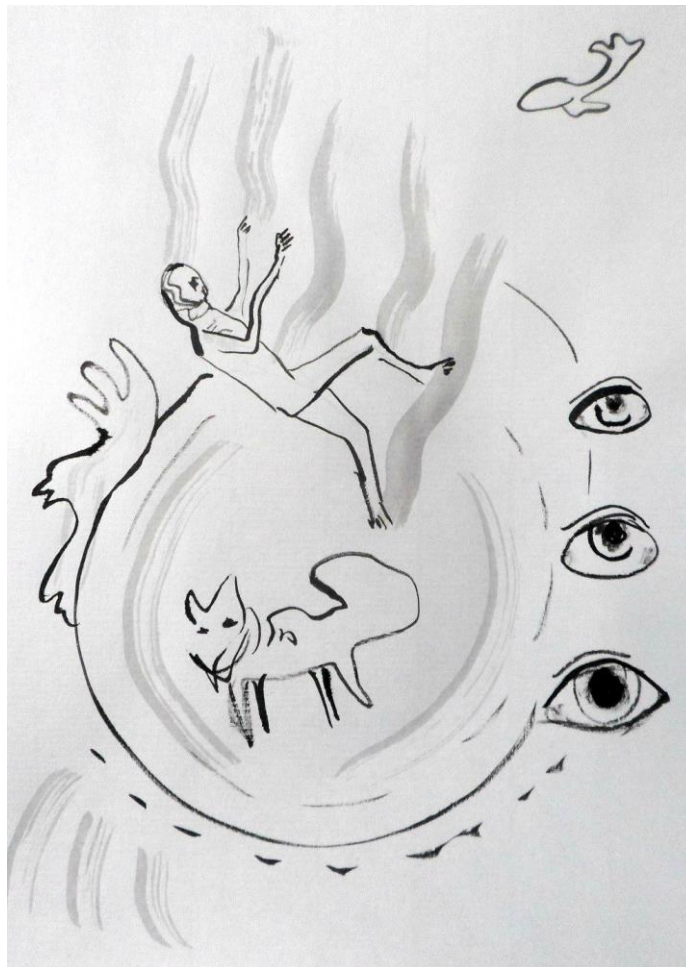
Fonte: (SOUTO, 2016)

Como é visto pelo projeto inicial da quarta xilogravura este já aborda a questão do ciclo de morte e renascimento. Durante a história vários personagens morrem e uma mudança constante ocorre com o personagem principal levando-o ao momento em que ele percebe este ciclo e através de sua morte ele renasce.

Este projeto pretende é bastante direcionada para a ideia de um ciclo e que tudo se encaixa e faz parte deste círculo. Esse retorno direciona para retomar a ideia de que tudo está interligado e que não há divisão em um ecossistema e nem ação sem consequência.

O ciclo de vida, morte e renascimento como mostrado idealiza a ideia de conectividade das coisas e como as naturezas podem interagir em prol uma da outra sem causarem prejuízos sendo esta uma das questões da pesquisa.

Figura 36 - Marcos Souto, Projeto da quarta xilogravura, 2016.



Fonte: (SOUTO, 2016)

Neste último projeto inicial foi trazido o conceito de imanência. Esse conceito, de forma resumida e que será mais bem explorado na execução deste projeto, trata basicamente da ideia do que tem em si próprio o começo e o fim. Essa ideia está em concordância com a ideia principal da pesquisa a de que não somos separados do mundo, tudo que o ser humano faz gera reações no mundo e conseqüentemente nele mesmo.

Este conceito está amparado na Ecosofia ou Ecocentrismo, especialmente em contraposição à ideia de antropocentrismo. Essa ideia que se propagou mais ocidentalmente de que somos separados da natureza desde Aristóteles com a Cosmologia Aristotélica, o Cristianismo medieval e outros fatores como o antropocentrismo do Renascimento, em que deus é separado das coisas e nós também porque somos semelhantes a ele. Essa ideia de separação que gera toda uma cultura de descaso com a conseqüência dos nossos atos na natureza.

Neste momento o personagem é abordado a ideia de que tudo está conectado e fazem parte de um mesmo sistema. Essa ideia talvez venha a ser a principal ideia surgida da pesquisa. Através destes encontros, conflitos, modificações e demais ações entre naturezas distintas em suma tudo é uma mesma natureza.

Sendo assim, o quinto projeto visa contrapor nossa ideia de que somos um elemento a parte do universo. Partindo da criação, autopreservação, destruição, morte e renascimento e por fim a ideia de imanência objetiva-se traçar um caminho que possibilite aos espectadores dos trabalhos percorrerem através destas questões que vão muito além da história contada.

Figura 37 - Marcos Souto, Projeto da quinta xilogravura, 2016.



Fonte: (SOUTO, 2016)

Dando sequência ao desenvolvimento das xilogravuras narrativas desta pesquisa, apresento a seguir outras imagens que surgiram no transcorrer da investigação.

Figura 38 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Neste trabalho trago três elementos (esquilo, árvore e estrela) que dão origem a narrativa. Não estão todos diretamente em uma ordem exata em relação à narrativa em anexo, entretando são os catalizadores de toda a história ficcional.

Cabe mencionar que a escolha de como escavar esta matriz se deu a partir de pesquisas sobre a arte primitiva das ilhas do Pacífico (Vechia, 2011). Por se tratar de uma narrativa e uma pesquisa que abordam uma carga pessoal muito grande acredito que a arte primitiva do Pacífico possa influenciar de forma positiva uma tentativa de criação com o mínimo de influências no sentido de mudar em mim um pensamento e iniciar a pesquisa com a mente aberta para as leituras que fiz.

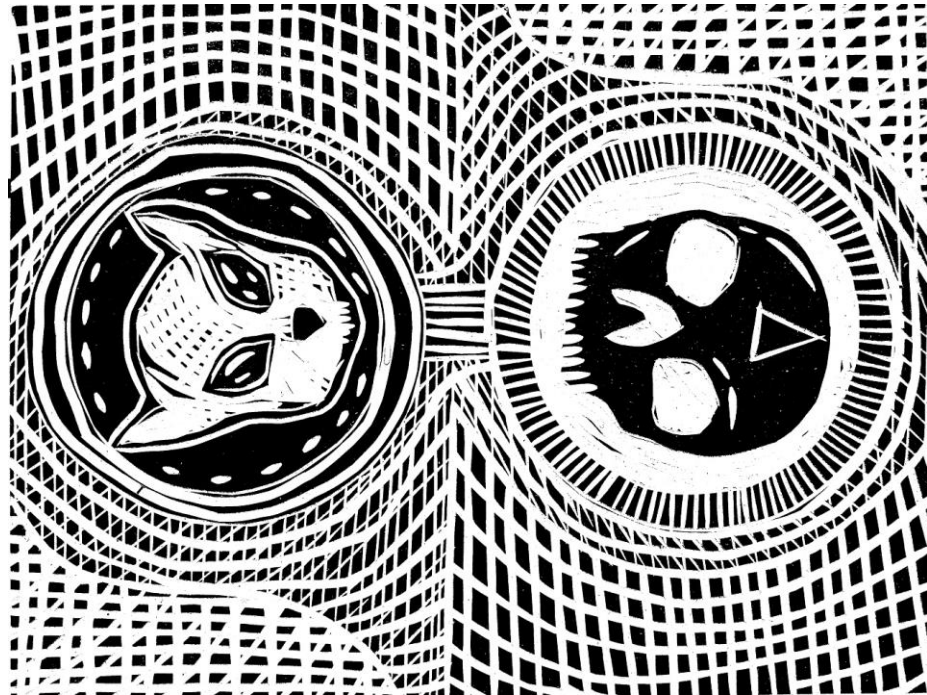
Figura 39 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

A segunda xilogravura segue a mesma linha da anterior, mas agora utilizando do espiral e de linhas mais orgânicas para a formação da imagem do personagem protagonista. Além das linhas simples também se pretende um efeito que se assemelhe um pouco a uma impressão digital fazendo menção a identidade do elemento central (esquilo/Rei esquilo) que norteia a pesquisa.

Figura 40 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.

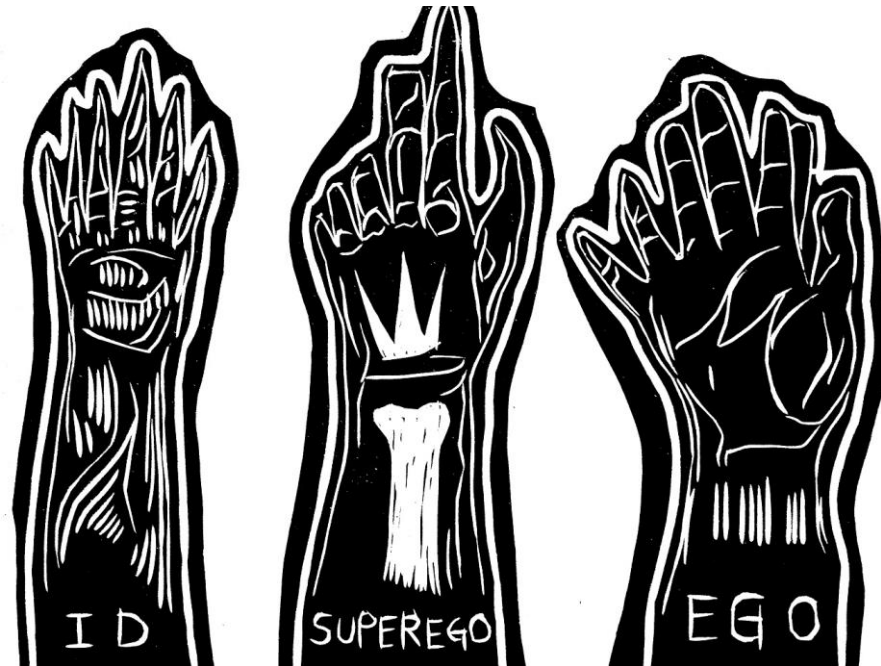


Fonte: (SOUTO, 2018)

Aqui apresento duas xilogravuras encaixadas em uma só. As duas figuras, animal/selvagem e humano/doméstico se complementam e se unem em tramas e linhas. Essas linhas ao mesmo tempo em que se rompem se unem sendo duas imagens que formam uma. Não há um modo exato de leitura, elas podem ser reconfiguradas individualmente.

Essa dualidade serve exatamente para questionar uma simplicidade maniqueísta em relação aos valores que temos e os valores que queremos e precisamos adquirir.

Figura 41 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

A obra acima, por sua vez, recai sobre questões abordadas por Freud no século XX.

Segundo as teorias de Freud (1996) a personalidade humana é composta de três elementos, o Id, o Ego e o Superego.

Resumidamente, o Id é a essência do ser humano, composto de suas vontades mais primitivas, instintivas e imediatas. A partir do Id é que irão se desenvolver o Ego e o Superego. O Ego começa a se desenvolver nos primeiros anos de vida e a partir dele os impulsos do Id são de certa forma, regulados mantendo a sanidade e o controle da personalidade. Já o Superego, que surge a partir do Ego, serve como um norteador dos valores do Ego de acordo com o que as vivências e aprendizados do ser humano durante a sua vida. Estes três elementos precisam estar em uma sincronia, pois nenhum deles atua de forma totalmente delimitada.

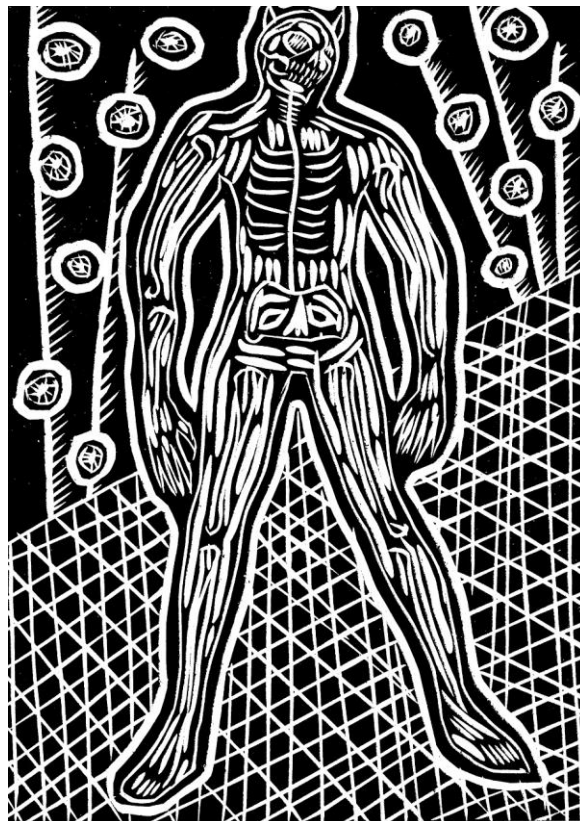
A alusão a Freud para explicar este momento ocorreu pela possibilidade de poder explanar sobre estes três elementos da narrativa que fazem parte do mesmo personagem central.

As mãos do esquilo, do personagem Rei Esquilo e uma mão humana, fazem menção a uma personalidade construída nesta narrativa, porém remetendo a pesquisa no momento em que o Ego, humano, está distorcido. O fato de sempre existirem mais dedos do que o que seria considerado normal é para mostrar que ainda se trata de uma análise a partir de um “avatar” ficcional.

O Id, como o esquilo totalmente longe da natureza humana e essência do personagem, o Ego como uma mão humana e o Superego como a mão do Rei Esquilo que aponta um norte entre esta evolução do personagem até a consolidação de sua personalidade.

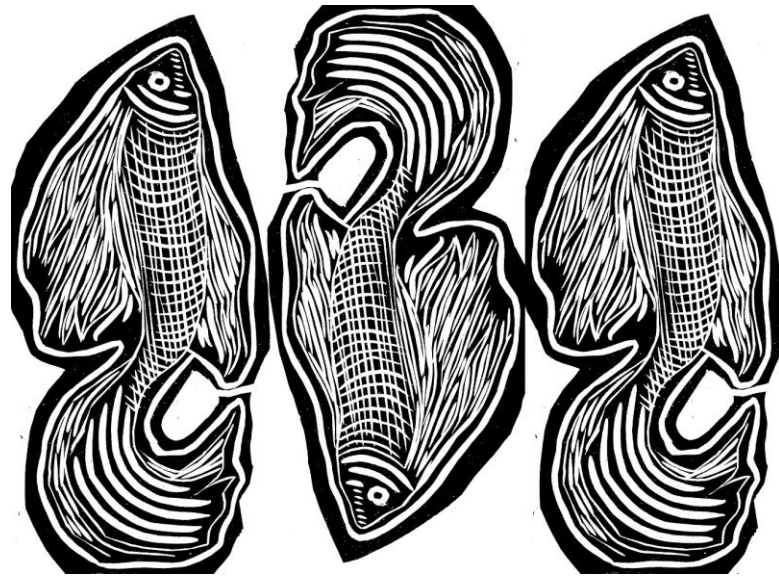
Sem tentar me aprofundar demais em questões psicológicas penso que este trabalho é importante para mostrar o fechamento de um personagem onde ao mesmo tempo em que procuro desenvolver uma consciência Ecosofica estes três elementos trabalham em conjunto para manter um equilíbrio onde isto seja possível.

Figura 42 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



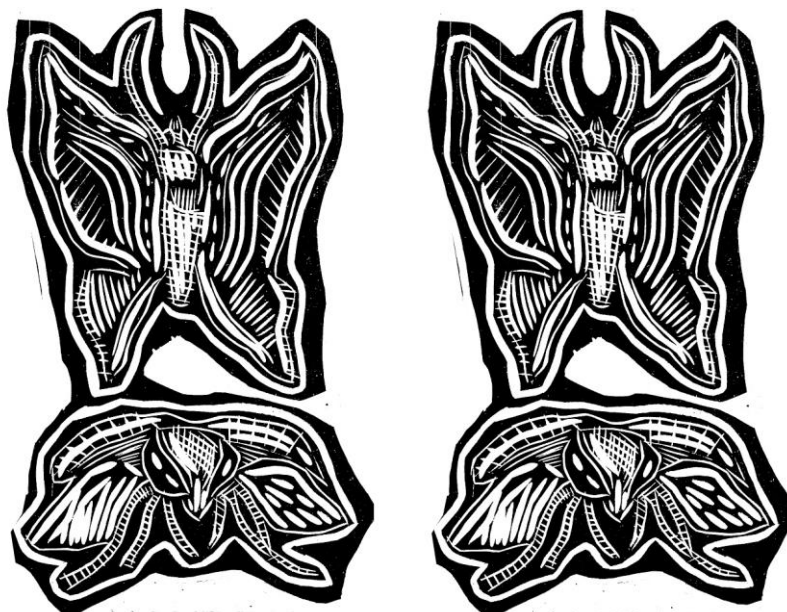
Dando sequência à xilogravura anterior esta retrata o Rei Esquilo em transformação com um fundo em que se divide uma linha de pensamento geométrica e uma orgânica. De certa forma, uma representação da imagem anterior agora com a personalidade equilibrada e consolidada dando espaço para as questões ecológicas aqui tratadas.

Figura 43 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



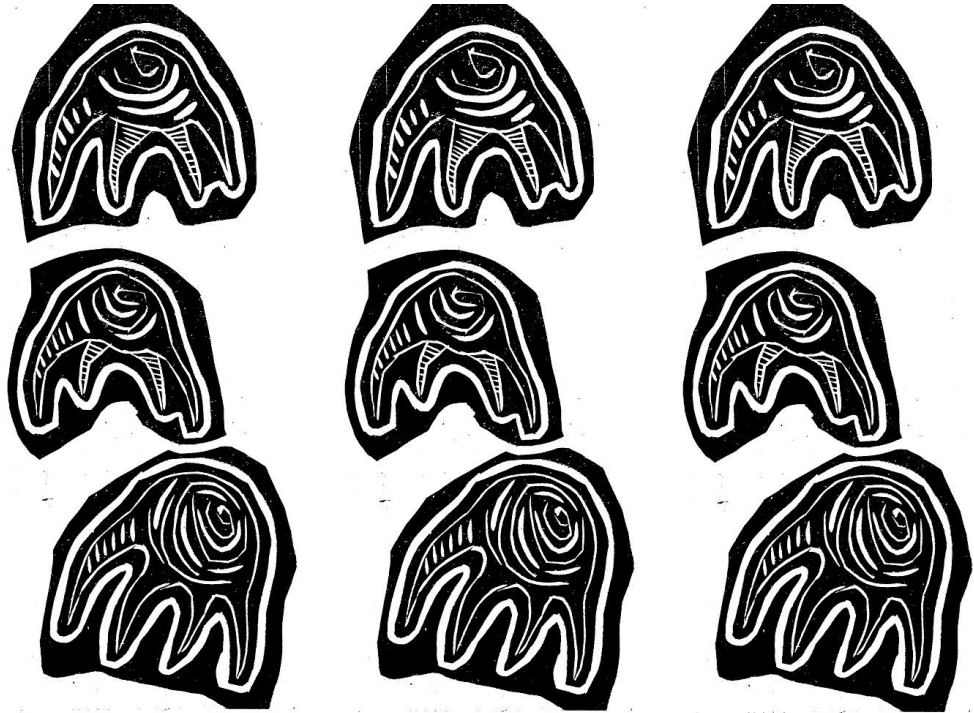
Fonte: (SOUTO, 2018)

Figura 44 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Figura 45 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Aqui nestas três xilogravuras eu trago alguns elementos que fazem parte da narrativa. São diferentes “espécies” por assim dizer de criaturas que habitam a história. Utilizei uma matriz menor para compor repetições destes elementos durante a impressão.

Além de sugerir a diversidade de criaturas encontradas durante a narrativa há também a questão de multiplicar e dividir um espaço em comum. Trago de volta aqui a problematização para a questão do Antropocentrismo que deveria dar lugar ao Ecocentrismo onde mesmo em uma história com um personagem protagonista este personagem não possuiu uma centralidade, pois faz parte de um leque maior de um universo ficcional. Da mesma forma, nós humanos, não estamos no centro de um ecossistema em grau de importância.

Figura 46 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Esta xilogravura é mais fiel ao modo narrativo dos projetos iniciais. Sendo escavada como se fosse uma página em quadrinhos rasgada trata do momento em que o habitat inicial do Rei Esquilo é destruído. Esta xilogravura também retoma mais explicitamente o projeto das primeiras gravuras nas quais trato de criação, destruição, ciclos e efemeridade.

É natural que tudo no universo tenha o seu tempo, entretanto é preciso pensar de uma forma sustentável em que após o término de cada momento possam existir condições para dar espaço para o que virá, principalmente ao se tratar do meio ambiente deixando de lado o pensamento imediatista e pensando em longo prazo.

Nem toda forma de destruição é necessariamente negativa ao se pensar na desconstrução de uma mentalidade que separa todos os elementos que fazem parte da natureza.

Figura 47 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Partindo da xilogravura anterior marco aqui uma libertação do personagem onde ele continua “enraizado” aos valores antigos, mas deixando que se libertem e se reconstruam novas consciências em relação à realidade que o cerca.

Penso que esta xilogravura em especial tem potente importância na pesquisa quando a utilizo para rever minhas conclusões em relação ao trabalho como um todo. É muito difícil estar separado dos valores e influências impostos durante anos, mas é possível realizar um exercício constante de desconstrução para dar espaço a atitudes que contemplem uma futura geração que possa se beneficiar de um pensamento sustentável.

Figura 48 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Lidando com um momento onde o personagem atua se libertando e ao mesmo tempo lidando com seus próprios “demônios” faço menção ao segundo projeto das xilogravuras em que pontuo sobre os danos causados em um ecossistema interligado retorna para o próprio causador.

Essa atitude autodestrutiva reflete e ecoa de todos os lados desencadeando e dando força a uma vertente de ações que colocam em risco a natureza. É um momento onde há de se pensar que devemos assumir o compromisso de lidar com nossas ações enquanto ainda temos o poder de amenizá-las.

Figura 49 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

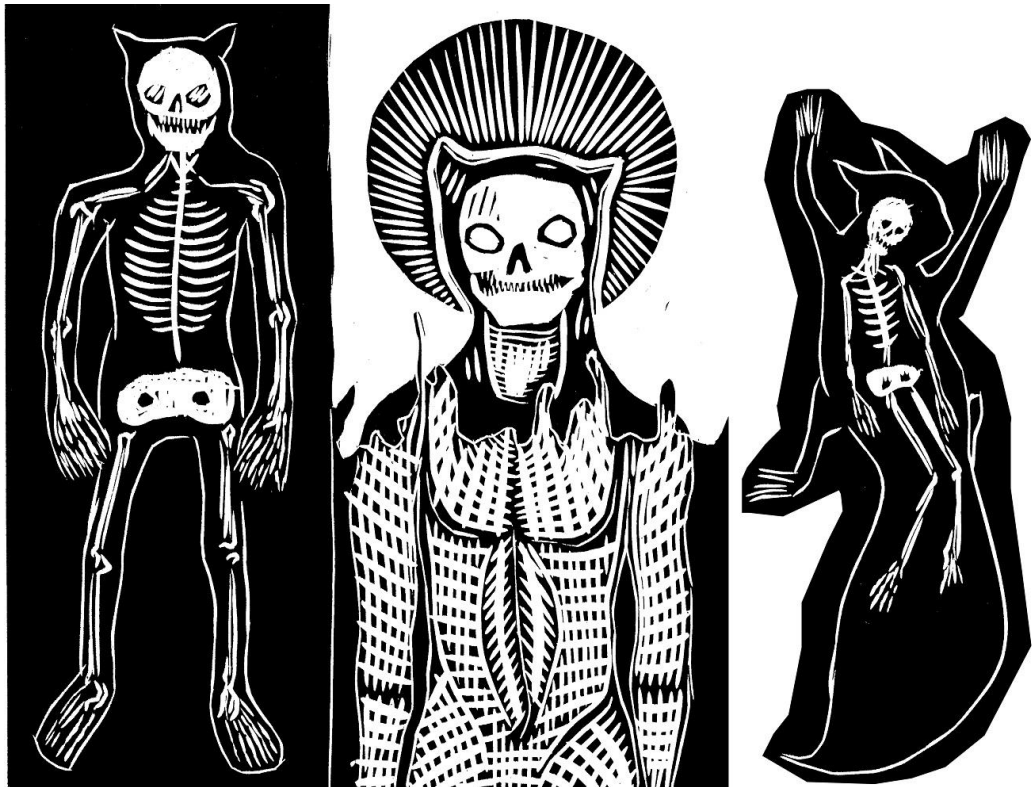
Em uma posição que pode lembrar *O grito* de Munch (1863), que representa um momento de angústia existencial, este trabalho representa o ato de ser consumido e influenciado por uma organização social que deixa pouca margem para que possamos questionar o modo em que vivemos.

Guattari em suas três ecologias pontua que

Para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta; de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 1990, p. 12).

Dessa forma sabemos que temos todos os recursos para pôr em prática um modo de vida totalmente sustentável e que contemple toda a natureza que nos cerca, entretando ainda há pouco questionamento em relação as atitudes que deveriam ser tomadas para que isso ocorra.

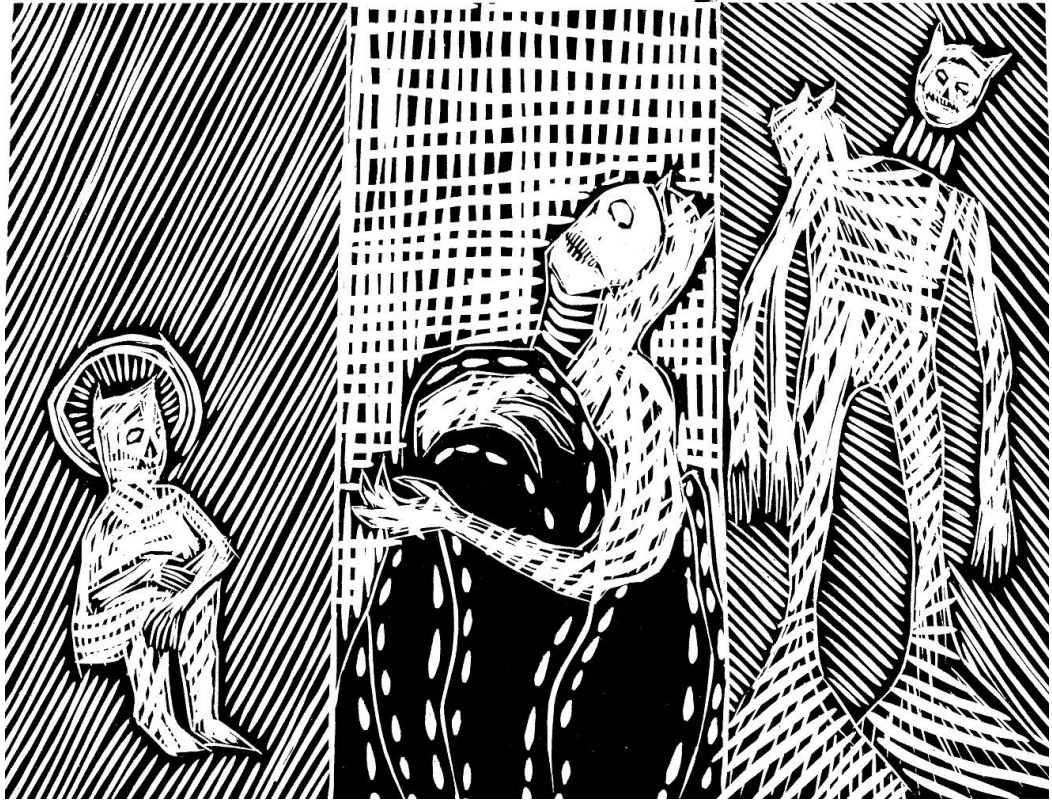
Figura 50 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

O Rei Esquilo de um lado oposto a um esquilo de outro compartilham de uma mesma estrutura. Os fundos diferentes se unem no centro enquanto o Rei Esquilo em transformação começa a submergir nessa realidade. Sua mente esta aberta para estas ideias enquanto aos poucos seu corpo é redesenhado por novas informações.

Figura 51 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Este trabalho é dividido em três momentos que se completam. No meio o Rei Esquilo onde na narrativa se encontra pela primeira vez com seu lado mais obscuro aqui sai como de um casulo. No lado esquerdo, já fora e transformado, ele reflete sobre essa transformação e sobre quem é. Por último do lado direito, ainda que enraizado às suas velhas bases, sua mente pode dar lugar a novos modos de pensar não tendo uma visão humana direcionada, mas a visão de um ser vivo que é parte de uma natureza complexa.

Figura 52 - Marcos Souto: *Sem título*, 2018. Xilogravura.



Fonte: (SOUTO, 2018)

No final desta série uso esta xilogravura com o Rei Esquilo com sua coroa em um fundo completamente escuro. Retomo o pensamento sobre imanência, pois penso que não há um modo de transcender o meio em que fazemos parte, mas devemos aceitar que tudo é uma única coisa influenciada por cada uma de suas pequenas partes.

O destaque aqui se dá na figura central, bem limitada e simples, fechada da parte exterior, mas também fazendo parte dela. O fundo infinito contrasta com as linhas da imagem que não possui muito tratamento.

Esta gravura se relaciona diretamente com a penúltima e finaliza, embora não seja propriamente uma série narrativa linear, as questões sugeridas nas xilogravuras anteriores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa de mestrado foi se construindo e se costurando de uma forma não linear. Além da mudança do projeto inicial após o primeiro ano de mestrado também houve mudança de orientação e o retorno para a base de uma pesquisa anteriormente realizada. Essa mudança, assim como a escolha de trabalhar em um meio expressivo com o qual tenho muita afinidade e que parecia mais adequado para a coerência discursiva do projeto (embora reconheça que foi mais por paixão do que por praticidade), permitiu que fossem percebidas as possibilidades que a pesquisa estava sugerindo.

Além das preocupações estéticas vejo agora um aprofundamento em questões pertinentes a um fazer artístico com o qual me vejo engajado, isso se deve especialmente em função de uma mudança de consciência pessoal, no que diz respeito ao meio ambiente.

Os trabalhos realizados e aqui apresentados permitiram um redirecionamento de questões que remontam a ancestralidade da minha pesquisa como artista visual, para um trabalho mais concreto conferindo a ele um propósito mais real do que apenas contar uma história.

Tanto as xilogravuras narrativas como as obras auxiliares nas questões da pesquisa atuaram com mais unicidade em busca de resultados mais densos e potentes culminando com um fechamento da história contada e gravada no próprio corpo como tatuagem.

A tatuagem retratando um esquilo pulando foi desenhada pela artista tatuadora. Penso que esta liberdade da artista desenhar o esquilo que iria tatuar faz com que o trabalho ganhe mais na questão de que não sou eu simplesmente colocando em mim algo que já estava ali (mesmo que como ideia).

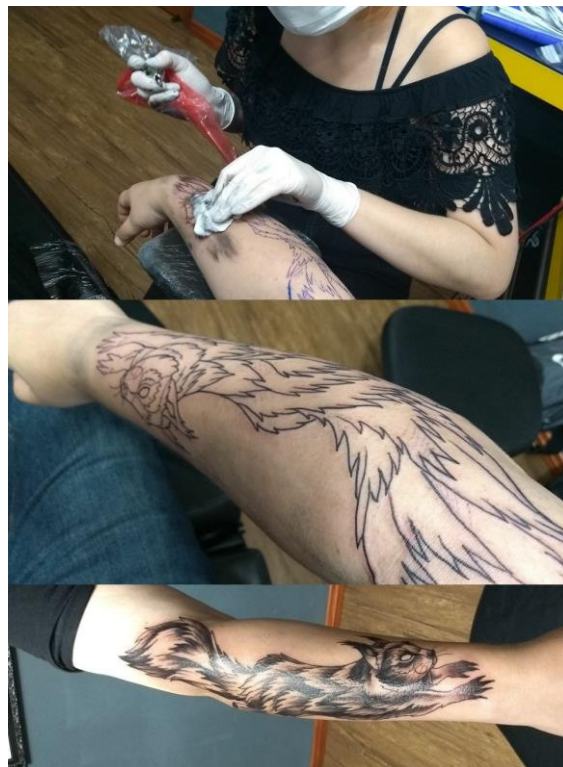
O desenho foi realizado a partir de um estudo da minha pesquisa feito pela artista. Tanto o desenho com contrastes em preto e branco como geralmente uso nas gravuras que faço como a posição em que está pulando/atacando/flutuando/alçaçando algo foram pensados de acordo com os esquilos que costumo utilizar no meu trabalho. Inclusive o esquilo retratado ser baseado no esquilo vermelho também funciona como referência aos esquilos que eu normalmente utilizo.

O local escolhido também foi pensado para que esse esquilo “nascido” fora de mim se unisse ao que eu sou, tornando a minha mão e meu braço uma extensão das patas do esquilo, criando uma singularidade neste pulo/busca de objetivos fazendo com que o esquilo impulsione e participe junto das minhas buscas artísticas/pessoais assim como acontece com o Rei Esquilo na narrativa já citada.

Esta tatuagem, ou seja, agora a gravação no próprio corpo, atua como uma espécie de ato performático que demarca este período e registra definitivamente minha imersão e transformação junto à experiências e transformações do personagem principal das xilogravuras ora apresentadas.

Assim como o que caracteriza o personagem e o define é sua hibridação com a figura do esquilo também há nesta ação da imagem gravada na própria pele uma hibridação temporal que também parte de quem a carrega.

Figura 53 - Marcos Souto: Processo de gravação de um esquilo, 2018.



Fonte: (SOUTO, 2018)

Guattari falava de uma singularidade como ser humano. Penso que todo artista procura isto, mas durante a pesquisa percebi que esta singularidade

transpassa a barreira entre o fazer arte, o processo criativo e simplesmente viver de acordo com valores pessoais.

Assim como esta pesquisa mudou muito e várias vezes durante estes dois anos, ao final do mestrado percebo que todas estas mudanças foram passos necessários para se chegar ao que realmente a pesquisa se tornaria: uma busca por uma experiência criativa onde eu como autor/pesquisador também fui modificado.

As considerações acerca da diferença entre o modo de vida baseado no antropocentrismo em relação ao ecocentrismo são de que, partindo de uma vivência e afirmação pessoal, o modo de ver ecocêntrico proporciona uma produção de valores mais ampla em relação ao antropocentrismo. Penso que uma visão baseada em apenas um ponto de vista da natureza - o humano considerando como centro de tudo - é limitadora e tem dado mostras de um efeito dramático e nefasto ao ecossistema.

Naturalmente que muitos destes conceitos explorados, muitos dados científicos são amplamente conhecidos, entretanto como artista me propus a mergulhar em um personagem que representava aspectos da minha persona refletindo sobre temas tão dramáticos como o período de transição pelo qual passa o planeta. Foi uma experiência desafiante, algumas vezes, perturbadora.

Os trabalhos criados não retratam explicitamente este “mergulho” ou a profundidade do processo de criação (que considero o real centro da pesquisa), porém colocam um marco entre um período acadêmico, pessoal e artístico. Poderia considerar estes trabalhos em especial como um rito de passagem pessoal para novas vivências, abordagens, pesquisas e criações.

A partir destas experiências vivenciadas ao longo do desenrolar desta pesquisa considero que foram postos novos limites e novas responsabilidades à minha própria forma de conceber a existência. O entendimento de que o pertencimento a um todo, onde a ação ou a não ação influenciam a unidade a qual faço parte, trouxe consigo mais potência para a superação e contribuição pacífica na construção de uma sociedade mais sustentável.

Evidentemente que esta atuação é passível de aprofundamento e revisão, pois é fato que a desconstrução de conceitos e valores que nos moldaram até a

idade adulta influenciando diretamente no contexto social em que vivemos, é difícil de ser completamente alterada. Esta é uma condição que pressupõem um constante estado de alerta acerca do que estou consumindo, como estou vivendo e como estou sendo direcionado pelas influências sociais (economia, mídia etc).

Penso também, ao concluir esta etapa de pesquisa que, apesar de este ser um trabalho focado em arte, ele retoma um pouco da discussão sobre militância e ativismo no âmbito da criação de uma consciência ecológica. Esta mudança se deu pelo próprio fato da pesquisa estar sendo realizada e o acesso às leituras sobre esta temática e todos os questionamentos que elas me propuseram. Acredito que a partir disto já se inicia uma mudança, mesmo com forte influência exterior de tudo o que procura me moldar (mídia, economia, valores sociais etc). O ato de resistir a tudo isso para que estas influências possam ser questionadas visando não somente o meu próprio benefício, mas a possibilidade de um futuro sustentável já caracteriza esta mudança. Voltando a crença explicada no início da pesquisa sobre uma visão holística de como o mundo está repensando, mesmo que com passos pequenos, questões como a sustentabilidade me torno mais otimista e espero que esta mudança faça parte das gerações futuras.

Ao término desta investigação, se encerra uma pesquisa que simultaneamente oferta um resultado poético e apela (ou faz um convite) para repensarmos nosso modo de vida em relação ao universo que nos cerca. Ainda que com uma olhar confiante, empático e comprometido entendo que a posição do artista não é capaz de definir ou redefinir a realidade do planeta, mas pode conscientizar ou sensibilizar novos sujeitos em diferentes níveis contribuindo para a tomada de diferentes posições e comportamentos em prol da sobrevivência dos variados ecossistemas, e em última instância, da própria espécie humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBELDA, José. **Introducción a la iconografía de la crisis ecológica**. Fabrikart, nº7, EHU, Bilbao, p. 10-17, 2007.
- _____. **Arte, empatía y sostenibilidad. Capacidad empática y conciencia ambiental en las prácticas contemporáneas de arte ecológico**. Ecozon@, European Journal of Literature, Culture and Environment, Vol 6, Num. 2, p. 10-25, 2015.
- BANISTER, Manly. **Practical guide to etching and other intaglio printmaking techniques**. Nova York: Dover Publications, 1986.
- CADÔR, Amir. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão cinética dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- _____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2014.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Análise Terminável e Interminável**. Rio de Janeiro: Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas, 1996.
- GOMES, Paulo (org.). **Artes plásticas no Rio grande do Sul: uma panorâmica**. Porto Alegre: Lahtu Senu, 2007.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.
- HAILS, Chris (editor responsável). *Relatório Planeta Vivo 2006*. In: **WWF Brasil**, 2006. Disponível em <<http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/?4420>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- HERSKOVITS, Anico. **Xilogravura – arte e técnica**. Porto Alegre: Pomar, 2006.
- HUGHES, Ann d’Arcy; VERNON-MORRIS, Hebe. **La impresión como Arte: Técnicas tradicionales y contemporáneas**. Barcelona: Blume, 2010.
- LEAF, Ruth. **Etching, engraving and other intaglio printmaking techniques**. Nova York: Dover Publications, 2012.
- LETYCIA, Anna; BUTI, Marco (orgs.). **Gravura em metal**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LOZANO, Lorena. **Jardín en red: arte, naturaleza y sociedad o la necesidad de una visión relacional entre la vida orgánica y social**. Artnodes, nº 15, Universitat Oberta de Catalunya, 2015.

MOSQUIN, T., ROWE, S. Manifesto for Earth. In: **Biodiversity** v. 5(1), p. 3-9, 2004. Disponível em <<http://www.ecospherics.net/pages/EarthManifesto.pdf>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

PAGLIA, Camille. **Imagens Cintilantes**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

PALLAMIN, Vera. M. **Arte urbana: São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. **Arte, cultura e cidade: Aspectos estético-políticos contemporâneos**. São Paulo: Annablume, 2015.

RAQUEJO, Tonia. PARREÑO, José María (eds.). **Arte y Ecología**. Madrid: Librería UNED, 2015.

RIECHMANN, Jorge. **Interdependientes y ecodependientes: Ensayos desde la ética ecológica (y hacia ella)**. Espanha: Proteus, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Fapesp, 2001.

SCARINCI, Carlos. **A gravura no Rio Grande do Sul – 1900 – 1980**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

VECCHIA, Stefano. **Arte do Pacífico**. Alemanha: Editora Scala, 2011.

IMAGENS

Figura 2 – INSTITUTO ÁRNI MAGNÚSSON. Ratatosk do manuscrito Islandês AM 738, século XVII. Disponível em: <<https://www.arnastofnun.is>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Figura 3 – BIBLIOTECA BRITÂNICA YATES THOMPSON. Ratatosk do manuscrito Islandês AM 738, século XVII. Disponível em: <<https://www.bl.uk>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Figura 4 – GALERIA ALBERTINA. Disponível em: <<https://www.albertina.at/ausstellungen/albrecht-duerer/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Figura 5 – ART UK. Retrato de uma dama francesa segurando flores e um esquilo vermelho, 1730. Disponível em: <<https://artuk.org/discover/artworks/portrait-of-an-unknown-french-lady-holding-flowers-and-a-red-squirrel-218107>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Figura 7 – CULTURA DIGITAL. Disponível em: <<https://www.culturadigital.br>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Figura 9 – HISTÓRIAS E CENÁRIOS NORDESTINOS. Disponível em: <historiasecenariosnordestinos.blogspot.com.br/2013/06/literatura-de-cordel-suas.html>. Acesso em 02 mai. 2017.

Figura 10 - ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10367/glenio-bianchetti>>. Acesso em: 05 jan. 2017

Figura 11 - ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10367/glenio-bianchetti>>. Acesso em: 05 jan. 2017

Figura 17 - ECOARTE. Disponível em: <<https://www.ecoarte.info>>. Acesso em: 05 jan. 2017

Figura 18 – LUCIA LOREM. Disponível em: <<https://www.lucialorem.com>>. Acesso em: 05 jan. 2017

APÊNDICE A

Breve história do Rei Esquilo: um resumo da narrativa da pesquisa de graduação

O Rei Esquilo é um personagem que surge em uma montanha flutuante que está acima de um planeta escuro, circulado por uma lua. Nesta montanha existem outras criaturas, como os esquilos que são animais sagrados que possuem o poder da longevidade e força. Os peixes, que parecem desaparecer e aparecer enquanto flutuam pelo ar, porém na verdade são criaturas interdimensionais, pois vivem em mais de uma dimensão ao mesmo tempo. Isso sem falar de toda uma abundante flora que existe neste local. Estes são os animais sagrados, entre todos os animais.

Este local é um local de vida, surgido a partir de uma única árvore bioluminescente que surgiu quando uma semente também bioluminescente caiu neste local. Até o momento acredita-se que a vida surge somente através da luz e que este é o único local habitado no universo.

O Rei Esquilo é um ser humanóide e um tanto sem forma. Suas feições relembram os esquilos, seres que ele vive junto, em uma espécie de homem primitivo desta montanha. Por conviver com os esquilos o Rei Esquilo partilha um pouco da longevidade destas criaturas.

A relação do Rei Esquilo é primitiva e de respeito neste mundo repleto de animais e plantas. É uma criatura simples e harmônica que faz parte de um ecossistema único.

Em uma noite ouve-se uma tempestade que está chegando, mas logo se percebe que não é uma simples tempestade quando os céus se abrem e surgem diversas criaturas aladas vindas de um dos multiversos.

Estas criaturas são um tipo de pardais humanóides e parecem seguir as ordens de uma Rainha Parda. Estas criaturas logo se mostram hostis, pois estão à procura de um artefato antigo e não o encontram. Este artefato é uma coroa de ouro que dá a quem usa o poder de controlar a realidade ao seu favor.

Ao iniciarem a destruição da montanha em busca do artefato tudo o que existe na montanha começa a ser destruído e a gravidade abalada da montanha

faz com que ela comece a despencar enquanto se partem em pedaços, como estrelas cadentes caindo naquele planeta morto e escuro.

O Rei Esquilo sobrevive caindo em um ninho deste lugar que ele acreditava ser inabitado. As criaturas deste planeta se parecem com aracnídeos de mais de 2 metros, mas possuem duas patas e uma espécie de exoesqueleto muito duro, mesmo que ao se locomoverem parecem serem líquidas ou quase como se fossem uma sombra. Estas criaturas são feitas de matéria escura materializada e o Rei Esquilo agora percebe que a vida também nasce no escuro.

Ao cair no ninho e se quebrarem os ovos gigantes o Rei Esquilo é coberto por este líquido que compõe estes animais e acaba absorvendo, aos poucos, algo deles assim como se relacionada com os esquilos, peixes etc.

Por estar coberto e também ter partes destas criaturas em si, o Rei Esquilo é tratado de forma amigável entre estas criaturas selvagens e ferozes.

Aos poucos a vida da escuridão começa a mudar não só fisicamente o Rei Esquilo, mas também sua forma de pensar. Tudo o que passou e a mudança de um ambiente rico para um ambiente escuro e perturbador desperta seu lado sombrio e o Rei Esquilo começa a quase enlouquecer.

Para lembrar-se de quem é ele usa uma máscara de esquilo, uma pele feita com a pele dos esquilos mortos que também caíram no planeta e tecidos que balançam como os peixes.

As criaturas aladas chegam também a este planeta, ainda em busca do artefato, mas dessa vez, o Rei Esquilo percebe que possuiu um exército quase indestrutível e decide lutar.

Após uma grande batalha o Rei Esquilo não possui uma potência mental suficiente para que possa controlar todas as criaturas e por isso este imenso exército, que preenche o planeta completamente e de forma numerosa, é inútil.

O Rei Esquilo é banido para uma torre na lua enquanto as criaturas aladas se recompõem e continuam as buscas pelo artefato que acreditam que esteja próximo a essa localização neste universo.

O personagem principal se encontra banido e a beira da morte e ao deixar-se morrer ele se torna parte deste ciclo e então renasce diferente. Depois de mil

anos na lua o Rei Esquilo está vivendo isolado na lua enquanto desenvolve suas capacidades mentais deixando de lado suas fraquezas. Ele abandona sua identidade completamente, por isso não possui um rosto, apenas um crânio descoberto.

Descobre que pode se locomover pelo ar e pelos multiversos como os peixes, porém de uma forma muito mais simples e mais fraca e entre seu exílio na torre ele vaga pela superfície da lua.

O Rei Esquilo descobre que os esquilos também são parte de tudo o que ele é, que tudo é um, por isso ele pode trazê-los de volta a vida. Os esquilos voltam, haviam sumido com os peixes. Agora o Rei Esquilo está cercado de esquilos e peixes.

O Rei Esquilo, ao se tornar um com todos, acaba criando uma verdadeira pele de esquilo que agora lhe confere uma longevidade muito mais alta, além de muito mais força. Em cima de sua pele é gravado seu esqueleto humano, para que ele se lembre que o que há dentro também será refletido por fora (física e psicologicamente).

Ao andar pela lua o impossível acontece, o Rei Esquilo se depara com algo brilhante semi enterrado. É a coroa. O Rei Esquilo, agora fazendo jus ao seu título, usa a coroa e amplia suas possibilidades de controlar a sua realidade e a realidade a sua volta.

O Rei Esquilo, com a ajuda dos peixes, se projeta para o planeta escuro e agora, portando a coroa inicia sua última batalha com as criaturas destruidoras.

O exército alado é dizimado e o Rei Esquilo arranca o coração da Rainha Pardal e ao comê-lo desperta sua última forma, um híbrido perfeito entre humano e esquilo. Nesta fase de iluminação o Rei Esquilo pode assumir a forma que quiser, assim como controlar a realidade e a matéria.

Ele retorna a sua forma mais inicial, um ponto de luz, como o ponto de luz que saiu da árvore que lhe deu vida ou como o ponto de luz que se tornou a própria árvore.

O Rei Esquilo se funde a coroa atravessando espaço, tempo e universos paralelos e retornando ao início de tudo, onde nada disso ainda havia acontecido,

se desfaz em infinitos pedaços que se tornam sementes de todas estas árvores que irão gerar a vida.

O Rei Esquilo inicia um novo universo, agora feito de luz e escuridão. Equilibrado, onde todas as criaturas são sagradas e fazem parte de um todo.

APÊNDICE B

A morte do Rei Esquilo: um resumo da narrativa que encerra uma pesquisa iniciada desde a graduação

Ao recriar inúmeras vezes o universo o Rei Esquilo começa a perceber a ciclicidade da vida, dos acontecimentos e de sua própria história. É preciso abandonar alguns valores para que a vida e a morte fluam de maneira independente agora.

No momento em que pega a coroa o Rei Esquilo se depara com sua própria sombra e nela percebe que ao olhar em apenas uma direção nunca tornará este ciclo completo como deveria ser.

Eis então que surge, de dentro do esquilo, a Rainha Esquilo, sua alma. Os dois possuem a mesma alma e em uma vontade de tornar-se autêntica a Rainha Esquilo percebe que a única forma de possuir uma alma apenas sua é com a morte do Rei Esquilo.

Apesar do medo de também morrer ou de lhe restar apenas meia alma a Rainha Esquilo mata o Rei Esquilo e tranca-se em um casulo. O Rei Esquilo renasce no mundo dos mortos enquanto a Rainha Esquilo renasce sem alma como Rainha Borboleta.

Com sua habilidade de adaptar-se e absorver o seu entorno o Rei Esquilo domina a morte e para sua surpresa encontra a Rainha Pardal que lhe entrega seu último pedaço de existência para que ele tenha poder suficiente para voltar ao mundo dos vivos.

O Rei Esquilo retorna e confronta a Rainha Borboleta que deseja mais poder e o vence em uma batalha. Assim como ele, ela possuiu o poder de absorver e se adaptar. Entretanto, este era o plano inicial do Rei Esquilo. Aos poucos a Rainha Borboleta começa a absorver a morte que há no Rei Esquilo. Em uma tentativa de parar a metamorfose ela diz que sem a morte ao seu lado o Rei Esquilo não poderá contar apenas com os esquilos e desaparecerá.

Ele diz que ela vai ser consumida pela morte e viverá nas trevas e no frio, mas que inverno sempre foi sua estação favorita. Ele a chama agora de Rainha Mariposa.

A Rainha Mariposa se torna agora a deusa da escuridão e à medida que a escuridão a consome ela se desvanece nas trevas e isto explica porque a princípio havia vida também no planeta escuro.

O Rei Esquilo novamente vira luz e garante que existam todas as árvores da vida e a luz enquanto a Rainha Mariposa que exista a escuridão.

É criado então um ciclo eterno único onde todos os deuses ficarão juntos e se encontrarão a cada novo ciclo.

ANEXO A

Documento 001 - Página 414 do "The History of four footed besfts, serpents, and insects" de Edward Topsell. Arquivo completo em: <https://archive.org/details/historyoffourfooOotops>

